

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Teresa Cristina Aliperti França Domingues**

**O papel do professor-mediador e das práticas de leitura na formação do leitor literário**

**MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

**SÃO PAULO**

**2015**

**Teresa Cristina Aliperti França Domingues**

**O papel do professor-mediador e das práticas de leitura na formação do leitor literário**

**MESTRADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação da Professora. Dra. Diana Navas.

**SÃO PAULO**

**2015**

**Banca Examinadora**

-----

-----

-----

A todos aqueles que continuam acreditando em seus sonhos.

Ao meu marido e filhas, por acreditarem nos meus sonhos e fazerem dos  
meus sonhos os seus.

À minha orientadora, por tornar o sonho realidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos aqueles que, ao longo da minha vida, colaboraram para que pudesse chegar até aqui e realizar o antigo sonho de oferecer uma educação de qualidade aos estudantes da rede pública brasileira.

Ao meu marido, Marcio, e às minhas filhas, Paola, Rafaela e Manoela, por acreditarem no meu trabalho e apoiarem minha jornada como professora da rede estadual de ensino e neste projeto de mestrado.

À minha orientadora, Professora Doutora Diana Navas, por acreditar no meu trabalho e ter mantido sempre a fé e a esperança, incentivando-me nos momentos de dúvida, incerteza e desânimo.

A todos os integrantes do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Aos colegas de turma e funcionários da secretaria da Pós-Graduação.

Aos alunos que tive e tenho a honra de ser professora e que, durante todos esses anos, têm me dado afeto, apoio e motivação para continuar minha jornada.

Ao Educador Paulo Freire, por acreditar na humanidade.

## RESUMO

ALIPERTI FRANÇA DOMINGUES, Teresa Cristina. **O papel do professor-mediador e das práticas de leitura na formação do leitor literário.** Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2015. 89 p.

Partindo da relevância da formação do leitor literário, o presente estudo objetiva discutir as práticas de leitura do texto literário em sala de aula no Ensino Fundamental I e o papel do professor-mediador nesse processo. Inicialmente, estabelecemos o diálogo entre as práticas que desenvolvo e aquelas propostas pelo *Programa Ler e Escrever*, do Governo do Estado de São Paulo, de forma a evidenciar as concepções que permeiam tais práticas. Posteriormente, questiona-se o papel do professor-mediador no processo de formação do leitor literário e sugerem-se propostas que podem ser desenvolvidas nesse processo. Para fundamentar teoricamente a pesquisa, recorreremos a autores como Candido, Freire, Petit, Barthes, Smith, Perrone-Moisés, Calvino, Dios, Bajour, Castrillón, os quais nortearam nossa reflexão. A dissertação está organizada em três capítulos: “Leitura e texto literário: a formação do leitor”, que aborda as concepções de leitura, literatura, texto literário, letramento literário e leitor literário, concepções essas também presentes na proposta de leitura do *Programa Ler e Escrever*; “Práticas de leitura do texto literário em sala de aula: diálogos com o *Programa Ler e Escrever*”, no qual apresentamos as práticas de leitura propostas pelo Programa que dialogam com as práticas que desenvolvo em sala de aula, e “O papel do mediador no processo de formação do leitor literário”, que discute o papel decisivo do professor-mediador no processo de formação do leitor, bem como sugere práticas de leitura do texto literário em sala de aula. Discute-se, também, como o professor necessita entender que o trabalho começa com o texto escrito, mas é fundamental ir além, ou seja, dar voz ao aluno para transformá-lo em autor, não apenas de um texto escrito, mas de sua própria história, dando oportunidade ao sujeito de ser autônomo, refletir, desenvolver o senso crítico e, desta forma, tornar-se efetivamente cidadão.

Palavras-chave: leitura, literatura, leitor literário, práticas de leitura, professor-mediador.

## ABSTRACT

ALIPERTI FRANÇA DOMINGUES, Teresa Cristina. **The mediator role of the teacher and the reading practices in the formation of the literary reader.** Master Thesis. Postgraduate Studies in Literature and Literary Criticism. Pontifical Catholic University of São Paulo, SP, Brazil, 2015. 89 p.

Starting from the importance of the formation of literary reader, this study aims to discuss the literary text reading practices in the classroom in the elementary school and the role of the teacher - mediator in this process. Initially we established the dialogue between the practices that I have developed in the classroom and those proposed by the *Reading and Writing Program* from the Government of the State of São Paulo, in order to highlight the concepts that underlie these two practices. Later, the role of the teacher- mediator is analyzed in the process of the formation of the literary reader and suggested proposals are identified which can be developed in the process. To theoretically support the research, we turn to authors such as Candido, Freire, Petit, Barthes, Smith, Perrone-Moisés, Calvino, Dios, Bajour and Castrillón, who guided our reflection. The thesis is organized into three chapters: "Reading and literary text: the reader's formation", which addresses the conceptions of reading, literature, literary text, literary literacy and literary reader, concepts which are also present at *Reading and Writing Program* of the Government of the State of Sao Paulo, "Literary text reading practices in the classroom: dialogues with the Reading and Writing Program", in which we present the practices of reading proposed by the program that dialogue with my own practices developed in the classroom, and " The mediator role in the formation of the literary reader", which discusses his/hers decisive role in the formation of the literary reader and suggests literary text reading practice in the classroom. It also discusses how the teacher needs to understand that the work begins with the written text, but it is essential to go beyond it, that is, give voice to the student, to turn him/her into an author, not only of a written text, but based on his/her own history, giving opportunity to him/her to be autonomous, reflect, develop critical thinking and become an effective citizen.

Keywords: reading, literature, literary reader, reading practices, teacher-mediator.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I. Leitura e texto literário: a formação do leitor</b> .....	13
1.1 Leitura: muito além da decodificação .....	13
1.2 <i>O Programa Ler e Escrever</i> .....	19
1.3 Literatura e leitor literário .....	22
1.4 O repertório na formação do leitor .....	27
1.5 A literatura nas salas de aula: a escolarização literária .....	29
<b>CAPÍTULO II. Práticas de leitura do texto literário em sala de aula: diálogos com o <i>Programa Ler e Escrever</i></b> .....	33
2.1 A leitura e suas práticas .....	33
2.1.1 Leitura diária do professor .....	34
2.1.2 Roda de leitura .....	40
2.1.3 Roda de biblioteca .....	44
2.1.4 Canto da leitura .....	48
2.2 Os vários sentidos da leitura .....	49
2.3 O papel do leitor na construção de sentidos .....	52
<b>CAPÍTULO III. O papel do mediador no processo de formação do leitor literário</b> .....	62
3.1 A escola e a leitura .....	62
3.2 Papel do professor-mediador na formação do leitor literário .....	65
3.3 Importância da biblioteca e do bibliotecário na formação do leitor .....	69
3.4 Sugestões de práticas de leitura .....	71
3.4.1 Leitura em sala de aula .....	71
3.4.2 Acervo da sala de aula .....	73
3.4.3 Papel da família na formação do leitor literário .....	74
3.4.4 Roda cultural .....	75
3.4.5 Leitura compartilhada dos textos de História, Geografia e Ciências .....	77
3.4.6 Leitura e escrita na matemática .....	79
3.5 Práticas de leitura e a formação do cidadão .....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85
<b>ANEXO 1</b> .....	88
<b>ANEXO 2</b> .....	89



## INTRODUÇÃO

Desde que ingressei, em 2006, como professora efetiva do Ensino Fundamental I, na Rede Pública Estadual de São Paulo, tenho constatado a falta do hábito da leitura na grande maioria dos alunos, o que, na verdade, representa pequena amostra de um problema que atinge o nosso país.

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, com periodicidade de quatro anos e única pesquisa em âmbito nacional, revelou, de acordo com os dados obtidos na sua 3ª edição, realizada entre junho e julho de 2011, que o brasileiro lê em média quatro livros por ano, entre contos, romances, livros religiosos e didáticos. Deste total, o brasileiro lê 2,1 livros inteiros por ano e dois em partes. Em 2011, o Brasil possuía 88,2 milhões de leitores, ou seja, 50% da população (neste conceito foram considerados leitores pessoas que leram pelo menos um livro inteiro ou em partes, nos últimos três meses), 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores. A pesquisa constatou também que o número de livros lidos por ano entre crianças da faixa etária de 5 a 10 anos, em 2011, foi de 5,4 livros e que o número de livros lidos por ano pelos estudantes cursando até o 4º ano do Ensino Fundamental foi de 2,5 livros.

De acordo com a apresentação da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* 3 (2012), de autoria de Marcos Antonio Monteiro, Diretor Presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, leem mais aqueles que pertencem às classes sociais privilegiadas. Por meio desta afirmação, presume-se que, quanto maior a oportunidade de acesso aos livros, maior será o número de leitores. Entretanto, ela se revela questionável quando constatamos que políticas públicas, como a distribuição gratuita de livros a escolas e o abastecimento de bibliotecas, têm se mostrado insuficientes para incidir significativamente sobre os números dessas estatísticas. É sabido que a escola é centro de formação de leitores, com o respaldo do professor, de sua atuação e práticas de incentivo, o que nos leva a refletir acerca da importância do papel do professor-mediador na formação do hábito da leitura e, conseqüentemente, na formação do leitor literário.

Em virtude das pesquisas e da necessidade premente de alterar o insuficiente panorama leitor no Brasil, várias campanhas e programas de incentivo à leitura, em nível nacional, surgem com o objetivo de estimular o hábito da leitura. Dentre estas campanhas destacam-se<sup>1</sup>: Biblioteca Escolar, Biblioteca do Professor e Casa da Leitura, promovidas pelo Ministério da Educação; O PROLER – Programa de Incentivo à Leitura, vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e ao MINC – Ministério da Cultura, presente em todo o país desde 1992; Biblioteca Comunitária Barca dos Livros; Alfasol – Incentivo à Leitura; PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura.

Um olhar, ainda que não aprofundado, permite-nos sugerir que o aspecto falho em algumas campanhas de promoção da leitura está, no entanto, em não focar a educação e acesso democrático à leitura e à escrita. Ou seja, as campanhas necessitariam ser de longo prazo, contínuas e focadas na melhoria do nível educacional, com a finalidade de garantir a inserção dos alunos na cultura letrada e na biblioteca, como forma de acesso gratuito aos bens culturais, promovendo a leitura e a escrita.

Sabe-se da importância da leitura e da escrita como práticas culturais fundamentais para a inclusão social do indivíduo e como instrumentos essenciais para a sua transformação e organização como sujeito. Quando se apropria da leitura e da escrita como hábitos cotidianos, o sujeito se torna autônomo e capaz de ir à busca de suas necessidades. Desta forma, a leitura e a escrita podem ser vistas como responsáveis pela transformação social que pode diminuir a desigualdade de uma sociedade; como necessidade e direito capazes de propiciar a participação consciente do indivíduo nas decisões e destinos da comunidade, bem como o pensamento divergente e reflexivo e o pensamento que busca significações. Conforme Emília Ferreiro defende (apud CASTRILLÓN, 2011, p.19), “a leitura é um direito, não é um luxo nem uma obrigação. É um direito de todos que, além disso, permite um exercício pleno da democracia”. Acreditamos, assim, na importância da Educação e da Cultura para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, ou seja, cidadã.

---

<sup>1</sup>Informações sobre as campanhas citadas podem ser obtidas nos sites: [www.abrelivros.org.br](http://www.abrelivros.org.br); [www.proler.bn.br](http://www.proler.bn.br); [www.barcadoslivros.org](http://www.barcadoslivros.org); [www.alfabetizacao.org.br/site/incentivo\\_leitura.asp](http://www.alfabetizacao.org.br/site/incentivo_leitura.asp); [www.cultura.gov.br/pnll](http://www.cultura.gov.br/pnll)

A presente pesquisa surge da minha vivência em sala de aula, de experiências, questionamentos, dúvidas, tentativas e erros, e observação do comportamento dos alunos no Ensino Fundamental I, experiências essas embasadas por estudos realizados na área da leitura e que dialogam com as práticas propostas pelo *Programa Ler e Escrever*. Este Programa – projeto estendido ao governo de São Paulo pela prefeitura de São Paulo – é composto de um conjunto de linhas de ação articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se, dessa maneira, como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. Sua meta é alfabetizar todas as crianças com até 8 anos de idade matriculadas na rede estadual de ensino, bem como garantir recuperação da aprendizagem de leitura e escrita aos alunos dos demais anos do Ciclo I do Ensino Fundamental.

Propõe-se, neste estudo, a discussão das práticas de leitura do texto literário desenvolvidas e utilizadas no Ensino Fundamental I, de forma a demonstrar como elas dialogam com a proposta do *Programa Ler e Escrever*, e contribuem para a formação do leitor literário. Questiona-se, também, o papel do professor-mediador no processo de formação do leitor literário.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Leitura e texto literário: a formação do leitor”, aborda concepções como a de leitura, literatura, texto literário, letramento literário e leitor literário, evidenciando como tais concepções permeiam também a proposta de leitura do *Programa Ler e Escrever*. Para a realização deste intento, recorreremos a autores como Candido, Freire, Smith, Petit, Barthes, cujas concepções acerca da leitura do texto literário nos parecem fundamentais.

O segundo capítulo, “Práticas de leitura do texto literário em sala de aula: diálogos com o Programa Ler e Escrever”, investiga as práticas de leitura propostas pelo *Programa Ler e Escrever*, as quais dialogam com as práticas que desenvolvo em sala de aula, tais como: leitura diária feita pelo professor, roda de leitura, sala de leitura e canto da leitura. No afã de discutir o processo de significação do texto literário, a vivência e participação do sujeito neste processo, bem como sua importância na formação do leitor literário, as ideias de Barthes, Calvino, Perrone-Moisés, Petit, Castrillón, Bajour foram de grande valia.

O terceiro capítulo, denominado “O papel do mediador no processo de formação do leitor literário”, por sua vez, discute outras práticas e estratégias de leitura em sala de aula com o texto literário que proponho em minha prática profissional diária, as quais não estão presentes no *Programa Ler e Escrever*, mas que também contribuem para a formação do leitor. A participação e vivência do sujeito no processo, a possibilidade de realizar uma escolarização adequada da leitura, bem como a importância da aproximação da academia na formação dos professores na área da leitura e o papel relevante do mediador nesse processo são também aqui discutidas. Freire, Candido, Machado, Petit, Bajour, Castrillón, Dios contribuem para a fundamentação das ideias aqui propostas.

Com esse trabalho, almeja-se, por meio da discussão proposta, o repensar da leitura e do papel do professor-mediador na formação de leitores literários. Afinal, a literatura não é a única fonte de resgate do humano que existe em todos nós, mas, faz-se necessário recuperar o seu poder de humanização.

## **CAPÍTULO I**

### **Leitura e texto literário: a formação do leitor**

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (Paulo Freire)

#### **1.1 Leitura: muito além da decodificação**

Muito hoje se fala a respeito da importância do ato e do hábito da leitura. Entretanto, é preciso compreender em que consiste, efetivamente, a prática da leitura e como ela se delinea.

Podemos afirmar que aprendemos e começamos a ler não quando somos alfabetizados, como pensaria grande parte das pessoas. A aquisição da prática da leitura ocorre muito antes disso, a partir de nosso contexto pessoal, por meio das experiências que se iniciam no ambiente familiar e se estendem na escola, vivenciadas no dia a dia por meio do contato com diferentes pessoas e situações. Considerando que essas experiências serão levadas à escola, é necessário que sejam valorizadas para que possamos ir além, à busca de novas leituras.

Neste aspecto, a curiosidade infantil, característica inerente a toda criança, é a mola propulsora, a qual ajuda a alimentar o imaginário no caminho da busca do desconhecido e, nessa busca, a descoberta do conhecimento de si própria. Com isso, queremos afirmar que no decorrer das experiências de vida – pessoais, sociais e culturais – o leitor se configura. Assim sendo, somente o conhecimento da língua não garante que a leitura se efetive. Para que o indivíduo possa ler o que desejar, é imprescindível que haja leituras que o habilitem, tais como a organização dos conhecimentos adquiridos, o estabelecimento de relações entre as experiências e a resolução dos problemas que possam surgir no convívio diário em diferentes situações.

Conforme incorporamos as diversas experiências de leitura, compreendemos o mundo, interagimos e convivemos com ele e podemos até chegar a modificá-lo. A falta ou precariedade do convívio humano, as condições incertas de vida tanto em nível material como cultural, entretanto, interferem nas expectativas das pessoas, prejudicando sua aptidão para a leitura.

Por outro lado, pode-se afirmar que a educação, de uma maneira geral, e o aprendizado da leitura permitem a conquista da autonomia, a ampliação dos horizontes e uma postura de comprometimento que levarão o indivíduo a novas exigências, à ruptura com a passividade e ao enfrentamento de novas situações. É um ciclo que se alimenta da interação das condições internas e subjetivas, e das externas e objetivas, fundamentais para o processo da leitura.

Para que haja uma leitura efetiva, é necessário ir além da decodificação. É imprescindível que o leitor decodifique e também compreenda o que está lendo, pois decodificar sem compreender não leva a uma leitura da realidade. Precisamos, assim, pensar a situação dialeticamente, tendo em mente sempre que a leitura é uma experiência individual, aberta a diferentes sensações, emoções e sentidos justamente porque as experiências são únicas.

Embasando essas ideias, Frank Smith (apud MARTINS, 2000, p.32), psicolinguista norte-americano, considera a leitura como um processo no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas, sim, de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los. No que se refere à escrita, o procedimento está mais ligado à experiência pessoal, à vivência de cada um, mais do que ao conhecimento sistemático da língua. Pode-se afirmar que a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele, cabendo ao leitor um papel atuante, no qual deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo.

Segundo Martins (2000), aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador no processo do aprendizado da leitura, neste aspecto, não seria, desta forma, precisamente a de ensinar a ler,

mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades e fantasias. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 2000, p. 34)

Enfatizando a importância do diálogo em oposição à transmissão do conhecimento pelo professor no processo de formação do indivíduo, Freire (1976, p.137) afirma que “a transmissão do conhecimento mata o conhecimento; educação não pode ser outra coisa que comunicação e diálogo, o encontro de sujeitos em diálogo à procura do significado do objeto do saber e do pensar”. Desta forma, o diálogo constante entre os sujeitos possibilita a mediação pelo adulto no caminho da descoberta do mundo da leitura.

No que concerne à importância da mediação pelo adulto no despertar do gosto pela leitura, Petit (2008, p. 166) assegura: “Não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário, que, levado por sua paixão a transmite através de uma relação individual”. Isso porque, um escritor, um bibliotecário ou um professor não conhece os jovens a partir do que imagina serem suas necessidades ou suas expectativas, “mas deixando-se trabalhar por seu próprio desejo, por seu próprio inconsciente, pelo adolescente ou criança que foi. Deixando-se também trabalhar pelas questões do tempo presente” (PETIT, 2008, p.242).

Percebe-se, então, a importância do olhar para dentro do adulto envolvido no processo da leitura, pois ele também carrega uma experiência de vida; leituras reais que o ajudarão a compreender as verdadeiras necessidades e expectativas de seus alunos, possibilitando uma prática mais significativa a todos os envolvidos.

Acentuando a relevância da postura do professor como mediador em relação ao conhecimento, Frank Smith (apud MARTINS, 2000, p.34) ressalta a importância de o professor deixar o aluno falar, exprimir suas ideias, visto ele, o professor, não ser o único detentor do conhecimento. A experiência pessoal do aluno é importante para que ele possa dar significado ao texto.

A leitura possibilita a elaboração do mundo interior e, conseqüentemente, a relação do indivíduo com o mundo exterior. Essa relação possibilita, por sua vez, o processo de significação do texto. A leitura pode, também, desempenhar um papel importante na elaboração da subjetividade, na construção de uma identidade singular e na abertura para novas sociabilidades. Segundo Petit (2008), compartilhar histórias lidas ou contadas garante, às vezes, o sentimento de que os pertencimentos podem ser mais flexíveis.

O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência – não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos, encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra. (PETIT, 2008, p.12)

A leitura, desta maneira, prepara os jovens para resistir ao processo de marginalização. Ela contribui na construção do indivíduo, no processo de imaginar outras possibilidades, ajudando a sonhar, a encontrar um sentido para a vida, a buscar outra oportunidade no arranjo social e, acima de tudo, a pensar. Propicia, também, autonomia, e desperta o espírito crítico, essencial no processo da busca de uma cidadania ativa, não apenas porque permite o distanciamento, a descontextualização, mas ainda porque abre espaço para o devaneio, no qual outras possibilidades são cogitadas. Como assegura Petit (2008), a leitura nos torna aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a sermos mais autores de nossas vidas.

De acordo com esse pensamento, o espaço íntimo aberto pela leitura é, sobretudo, uma fuga para um lugar em que não se depende dos outros. É ter a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de imaginar outras possibilidades, de construir sentidos com histórias, na busca da elaboração de uma identidade singular, aberta, em movimento, evitando adentrar nos modelos



preestabelecidos de identidade que asseguram o pertencimento integral do indivíduo a um grupo, uma seita, uma etnia. Conforme Petit:

A leitura pode ser em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos. Os mais desprovidos de referências culturais são os mais propensos a se deixar seduzir por aqueles que oferecem próteses para a identidade. (2008, p.72)

É a mesma autora que ressalta, também, a importância da experiência singular “que é ler sozinho, em silêncio e que a leitura é um território íntimo, de liberdade e solidão” (2008, p.17). De acordo com Petit, a verdadeira democratização da leitura é poder ter acesso, se desejarmos, à totalidade da experiência da leitura, em seus diferentes aspectos, os quais estão intimamente relacionados e são, como apresentado abaixo, elencados pela autora.

O primeiro aspecto seria a leitura como um meio para obter acesso ao saber, ao conhecimento, podendo modificar a vida escolar, profissional e social do indivíduo. Nesse aspecto, ela é vista como um capital cultural que possibilita o alcance da dignidade e da liberdade. O segundo aspecto é a apropriação da língua. Conhecimento e aprofundamento que possibilitam ao indivíduo maior destreza no seu uso, facilitando e criando condições ao exercício da verdadeira cidadania, em contraponto ao iletrado, que sempre precisará da assistência alheia. O terceiro refere-se à construção de si próprio, que ocorre quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, visto que, assim, estaremos mais aptos para vivê-lo e transformá-lo. Quando se é privado das palavras, resta o corpo para falar, resta a sedução por aqueles que oferecem soluções milagrosas, distanciando-se cada vez mais de sua identidade, do seu caminho singular. Portanto, a leitura, desde a infância, permite a abertura para o campo do imaginário, para a expansão do repertório das identificações possíveis. Em seu quarto aspecto, a leitura permite remetermo-nos a outro lugar, outro tempo. Nessa perspectiva, propicia a existência de outro tempo, outro lugar para sonhar, imaginar, exercer o ócio e refletir. Assim, o leitor dispõe de seu próprio tempo e, para que o pensamento exista, faz-se necessário sonhar e brincar com o imaginário. O quinto aspecto refere-se a conjugar as relações de

inclusão – a leitura propicia o respeito às diferentes culturas. Ela permite a aceitação e a articulação da cultura de origem com outras completamente diferentes. O sexto aspecto refere-se aos círculos de pertencimento mais amplos, que mostram a importância de lembrarmos sempre que somos seres humanos, antes de pertencermos a algum território definido. A leitura mostra-nos que não pertencemos a um pequeno círculo. Conforme pode ser observado, Petit evidencia a abrangência da leitura e o espaço de possibilidades abertas por ela, possibilidades que ajudam na trajetória de vida de cada ser humano.

Além dos diferentes aspectos da leitura elencados por Petit, três níveis básicos de leitura, inter-relacionados e que podem ser simultâneos, exercem influência no processo de leitura: o nível sensorial (sentidos), o emocional (sentimentos) e o racional (compreensão, diálogo e conhecimento) (Martins, 2000). A história, a experiência e o momento de vida do leitor no ato da leitura, assim como as questões e respostas apresentadas pelo objeto lido, podem evidenciar um nível de leitura. Entretanto, é a dinâmica do leitor com o texto que irá determinar o nível predominante. Portanto, um mesmo texto pode ser lido como uma nova leitura em diferentes níveis, porque a leitura, nessa concepção, é vista como processo e não como imobilidade.

Conforme desenvolvemos nossas capacidades sensoriais, emocionais e racionais, elas interferirão no desenvolvimento de nossas leituras em um processo permanente de interação. Para que haja compreensão da leitura,

é necessário que ela preencha uma lacuna em nossa vida, que ela venha ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são os pré-requisitos. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas. (MARTINS, 2000, p.82)

Ainda conforme Martins, “fundamental mesmo é a continuidade da leitura, o interesse em realizá-la” (2000, p.84). Nessa perspectiva, o leitor assume um papel ativo, participativo no processo de querer ler. E nesse processo busca o seu jeito de ler.

Como pode ser observado, várias são as concepções acerca do ato e hábito de leitura, as quais se complementam e ampliam o olhar para outras possibilidades além da decodificação das palavras, concepção essa ainda tão difundida e utilizada no processo de ensino-aprendizagem.

A essas concepções juntam-se a de relevantes autores, como Octávio Paz, para quem a leitura é um movimento contrário à nossa habitual distração:

Ler é o contrário dessa dispersão; ler é um exercício mental e moral de concentração que nos leva a entrar em mundos desconhecidos que pouco a pouco revelam como uma pátria mais antiga e verdadeira: de lá viemos. Ler é descobrir insuspeitos caminhos para dentro de nós mesmos. É um reconhecimento. Na era da propaganda e da comunicação instantânea, quantos podem ler assim? Muito poucos. Mas é neles e não nas cifras das estatísticas que está à continuidade de nossa civilização. (PAZ, 1990, p.86)

Harold Bloom, por sua vez, afirma ser uma das funções da leitura a de nos preparar para a transformação, uma transformação que, ao final, tem caráter universal. “E caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria”. Evidencia-se, portanto, que:

O prazer da leitura é pessoal, não social. O motivo que nos leva a ler, é a busca de um “sofrido prazer”. Existe o sublime alcançado através da leitura. Ler bem é ainda um dos prazeres da solidão, o mais benéfico dos prazeres. (BLOOM, 2000, p.25)

As percepções aqui apresentadas são extremamente relevantes, pois nos permitem compreender a variedade de teorias, fatos e concepções envolvidos no ato da leitura. Um gesto tão simples, à primeira vista, mas, ao mesmo tempo, tão complexo e repleto de significados e conexões, e que tem ganhado relevância no ensino público por meio de um projeto importante do Governo do Estado de São Paulo, que abrange o Ensino Fundamental I, o *Programa Ler e Escrever*.

## **1.2 O Programa Ler e Escrever**

O *Programa de Formação Ler e Escrever*, concebido pelo Governo do Estado de São Paulo, é constituído por um conjunto de linhas de ações articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se como uma política pública para o Ciclo I, buscando promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. Os principais objetivos do programa são<sup>1</sup>:

- Apoiar o professor coordenador em seu papel de formador de professores dentro da escola;
- Apoiar os professores regentes na complexa ação pedagógica de garantir aprendizagem de leitura e escrita a todos os alunos, até o final do 3º ano do Ciclo I / EF;
- Criar condições institucionais adequadas para mudanças em sala de aula, recuperando a dimensão pedagógica da gestão;
- Comprometer as Universidades com o ensino público;
- Possibilitar a futuros profissionais da Educação (estudantes de cursos de Pedagogia e Letras), experiências e conhecimentos necessários sobre a natureza da função docente, no processo de alfabetização de alunos do Ciclo I / EF.

Para que os objetivos possam ser atingidos, as seguintes ações são desenvolvidas: 1- encontros de formação sistemáticos ao longo de todo o ano letivo, para todos os profissionais envolvidos; 2- recuperação da aprendizagem (4º e 5º anos); 3 - um aluno pesquisador nas salas de 1º ano e de PIC (projeto intensivo no ciclo); 4 - elaboração e distribuição de materiais didáticos estruturados para professores e alunos do 1º ao 5º ano; 5 - distribuição de materiais complementares, tais como acervo literário e paradidático para biblioteca de sala de aula, enciclopédias, globos, letras móveis, calculadoras etc.; e 6 - acompanhamento institucional sistemático às diretorias de ensino para apoiar o desenvolvimento do trabalho.

---

<sup>1</sup> Texto extraído na íntegra do documento disponível em: [www.lereescrever.fde.sp.gov.br](http://www.lereescrever.fde.sp.gov.br)

No *Programa Ler e Escrever* pressupõe-se que o conhecimento não é concebido como uma cópia do real e assimilado pela relação direta do sujeito com o objeto de conhecimento, mas produto de uma atividade mental por parte de quem aprende, o qual organiza e integra informações e novos conhecimentos aos existentes, construindo relações entre eles. O modelo de ensino colocado em prática é o da resolução de problemas, que promove a articulação entre a ação do aprendiz, a especificidade de cada conteúdo a ser aprendido e a intervenção didática.

A concepção de alfabetização que sustenta o Programa tem como objetivo maior o de possibilitar que todos os alunos se tornem leitores e escritores competentes. Para que isso ocorra, um comprometimento com a construção de uma escola inclusiva, que promova a aprendizagem de todos os alunos, é considerada primordial.

Trata-se de trazer para dentro da escola a escrita e a leitura que acontecem fora dela. Incorporar na rotina a leitura feita com diferentes propósitos e a escrita produzida com distintos fins comunicativos, para leitores reais. Enfim, propor que a versão de leitura e de escrita presente na escola se aproxime ao máximo da versão social, a fim de que os alunos se tornem verdadeiros leitores e escritores.

Para que isso possa se concretizar, o Programa ressalta a importância do papel do professor nesse processo. Tal relevância é também apontada pela pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* (2012), que no contexto dos incentivadores da leitura apontou que "os professores passaram do segundo para o primeiro lugar, ultrapassando a indicação da mãe como a responsável por despertar o interesse pela leitura".

É no afã de discutirmos a importância do professor-mediador no processo de desenvolvimento do leitor literário, por meio da utilização de práticas de leitura em sala de aula, que apresentaremos as propostas de práticas sugeridas pelo *Programa Ler e Escrever*, bem como outras práticas que podem ser desenvolvidas, evidenciando como as concepções de leitura que embasam esse Programa e as práticas dialogam com as concepções teóricas apontadas em nossa pesquisa. É válido ressaltar que, ainda que o Programa tenha como escopo a leitura e a escrita,

em razão do propósito de nosso estudo, consideraremos a proposta do Programa apenas no tocante à leitura.

### **1.3 Literatura e leitor literário**

Paulo Freire (2011) ressalta o papel da educação na formação do sujeito e afirma que uma das maneiras de desenvolver o espírito crítico e a criatividade é o "pensar certo", o que significa procurar, descobrir e entender aquilo que se acha escondido nas coisas e nos fatos que observamos e analisamos. Para tanto, é necessário que a educação desenvolva o espírito crítico e a criatividade, ao invés da passividade. Educação, portanto, que se baseia na prática e teoria, que incentive os educandos a pensar certo. Para que isso possa ocorrer, entretanto, é essencial trabalhar a percepção e os sentidos do sujeito, a fim de que possa ser crítico e transformar a realidade em que está inserido. E é na busca desse pensar certo que a literatura e o texto literário ocupam um papel de relevância.

Sabemos que o ato de contar histórias é algo tão antigo quanto o surgimento do homem. Nesse contexto, a literatura surge justamente dessa necessidade: a de contar suas histórias, de preencher suas lacunas, de explicar os acontecimentos para os quais não havia explicações lógicas e científicas, mas que geravam inquietações, dúvidas e medos. Elaboradas na forma de mitos, inicialmente, as respostas que o homem buscava possibilitaram-no sentir-se mais acalentado. E, diferente do que se poderia imaginar, a preponderância da razão e da ciência não fez desaparecer a literatura. Ao contrário, ela sempre se manteve presente na história, pois as inquietações constituem parte da essência humana, independente do contexto em que esteja o homem. É a partir desta perspectiva que podemos afirmar que a literatura dialoga com o seu tempo, ou seja, com a época e o contexto histórico em que está inserida, não sendo possível haver, desta forma, uma definição única para ela.

Por contar a história da essência humana, a literatura possui o poder de humanizar o homem. E, ao mesmo tempo em que o humaniza, propicia um processo de reflexão que pode modificar o sujeito, permitindo a ele atuar de maneira ativa na

sociedade. Sendo assim, a boa literatura faz o leitor pensar, ao contrário daquela que possui apenas caráter utilitário, denunciando, mas não conduzindo à reflexão. De acordo com Colomer:

A literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprios através da apresentação de alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva. O papel do professor deveria ser, principalmente, o de questionar e enriquecer as respostas, o de estabelecer a representação da realidade, que a obra pretendeu construir, mais do que ensinar princípios ou categorias de análise. A competência literária derivaria, assim, “do legado das satisfações passadas”, nas palavras de Bretton. (2003, p.133)

Estas satisfações passadas estão intimamente ligadas a experiências literárias advindas na mais tenra idade e não com a aprendizagem de regras da língua.

Antonio Candido, no texto *O direito à Literatura*, chama de literatura todas as criações poéticas, ficcionais ou dramáticas, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura. A literatura, para ele, aparece como manifestação cultural universal de todos os homens em todos os tempos, correspondendo a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. O autor assegura também que a literatura é fator indispensável de humanização, porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente, sendo uma necessidade universal por dar forma aos sentimentos e à visão do mundo; ela nos organiza, nos liberta do caos, humanizando-nos.

Consequentemente, a literatura deve ser ensinada porque atua como organizadora da mente, refinadora da sensibilidade e como oferta de valores. A obra literária propicia sempre uma leitura crítica do real e, por isso, permite a reflexão, o rompimento do automatismo de nossa percepção cotidiana, o que, por sua vez, possibilita o sujeito indagar, questionar e querer mudanças. Segundo Candido, a escrita e a leitura literária possibilitam o exercício de liberdade: liberdade no uso da linguagem e liberdade do imaginário.

De acordo com Rosenblatt (apud DIOS, 2000, p.26), “uma das razões para o estudo de literatura na escola é que a literatura alimenta o tipo de imaginação

necessária em uma democracia, isto é, a habilidade de participar nas necessidades e aspirações de outras personalidades e vislumbrar o efeito de nossas ações em suas vidas”. Nesse sentido, a educação é um empreendimento político, que trabalha com os valores humanos, e a literatura, por seu turno, possibilita a ampliação do sentido das múltiplas possibilidades de vida no leitor.

Ao definir a literatura como sendo uma “trapaça salutar, que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (1978, p.16), Barthes aponta-nos que o trabalho de todo o escritor se efetua na linguagem, no trabalho de deslocamento que o autor exerce sobre a língua, visto a literatura permitir essa liberdade de ação. Observando-se a partir desta perspectiva, segundo Barthes, “o que pode ser opressivo num ensino não é o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto” (p.64). É pensando neste pressuposto que propõe uma utopia salutar: que uma língua não reprima outra, que os discursos possam ser plurais, condição de toda democracia. Percebe-se, assim, a importância da literatura no processo de formação do indivíduo para que este alcance um nível de consciência política, que seja reflexivo, crítico e possa atuar na sociedade. A leitura da literatura deve estar associada à reflexão, ao rompimento do automatismo de nossa percepção cotidiana e não a uma realidade espelho, com a qual o leitor deve se identificar de forma passiva. A boa literatura abre caminho para o leitor refletir, sentir, sair do estado de torpor, levantar a cabeça da leitura e poder indagar.

Esse poder de reflexão e mudança pode ser propiciado pela leitura do texto literário ao leitor que traz consigo toda a experiência de leitura de mundo, que surge e, conseqüentemente, manifesta-se no momento da leitura. O texto literário possibilita ao leitor abrir janelas no texto e, portanto, formar suas próprias trilhas. Ele convida o leitor a preencher as lacunas existentes no texto valendo-se de seu repertório linguístico, seu conhecimento social, cultural, histórico e humano. É por meio da busca constante de diferentes caminhos no desvendar do texto que o leitor participa ativamente, usando o imaginário e seus conhecimentos prévios no processo de dar sentido ao texto.



Com os textos literários, “a língua respira, volta a brilhar é onde se expressam a contradição e a complexidade humanas” (PETIT, 2008, p. 116). Por meio deles, permite-se ao ser humano ir à busca de sua essência, à busca de um prazer singular.

Para que o indivíduo possa conseguir realizar a leitura do texto literário de forma que o compreenda e perceba o cunho artístico e poético da linguagem, faz-se necessário, por meio da educação, desenvolver o que atualmente se denomina por letramento literário, que se caracteriza, de forma bastante geral, por um conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária. É válido observar, entretanto, que o ensino e o aprendizado do letramento literário não estão restritos apenas ao espaço da escola, visto ser um fenômeno mais amplo, que abrange vários contextos da vida do indivíduo, iniciando-se na família, tendo continuidade na escola e prosseguindo durante a vida.

O nível do letramento literário se diferenciará, de forma geral, de acordo com o contexto social, econômico e cultural do indivíduo, assim como de suas necessidades e expectativas. Consequentemente, tanto o papel da família quanto o da escola são de extrema importância no processo de letramento literário do indivíduo.

A palavra letramento significa ação de letrar-se, tornar-se letrado, ou seja, adquirir um conjunto de práticas sociais (ações que são realizadas em nossa interação social) que usam a escrita em contextos específicos, para objetivos específicos. Para que isso ocorra, é necessário colocar à disposição do indivíduo obras de qualidade e ensiná-lo a apreciar o estético do texto, a fim de que perceba o diferente uso que é feito da linguagem. O papel da educação seria, assim, primordialmente, o de trabalhar a percepção do indivíduo.

A escola, entretanto, na maioria das vezes, não cumpre essa função de forma satisfatória, utilizando o texto literário com intuito educativo de doutrinação em vez de ensinar a apreciação do estético existente na obra. A literatura acaba, desta maneira, sendo “usada” de forma utilitária.

Segundo Bajour, “quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas” (2012, p.26).

A escola precisa preparar o aluno para saber apreciar a obra tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista social, moral, ético e político para o qual ela também pode ser a resposta. Em outras palavras, um dos objetivos da educação deveria ser o de propiciar o desenvolvimento do leitor literário. O leitor capaz de ler o texto literário, que pode ser ensinado na escola. Um leitor que seja capaz de escolher suas leituras e de apreciá-las. É esse leitor que o *Programa Ler e Escrever* almeja formar através das práticas de leitura desenvolvidas e aplicadas durante todo o Ensino Fundamental I.

Para alcançar tal intento, e esse é um dos aspectos considerados no projeto em questão, o professor precisa ter cuidado ao selecionar os textos literários, de forma a não trabalhar apenas o aspecto pedagógico e utilitário e, sim, ensinar o aluno a apreciar o estético do texto. Isso exige do professor, por sua vez, uma excelente formação teórica na área da leitura e literatura, "para levar os alunos à descoberta do prazer de ler" (PERRONE- MOISÉS, 2000, p.347). Acerca dessa questão, afirma Perrone- Moisés:

Mas se o "prazer de ler" é concebido como facilitação e adesão ao gosto médio do público, e se a liberação da criatividade se dá sem a prévia e concomitante consolidação de uma bagagem cultural, e sem o desenvolvimento da capacidade crítica, os resultados são inócuos ou lamentáveis. (2000, p.347)

Nesse sentido, é também imprescindível a presença de um professor-mediador leitor. Isso porque, conforme assegura Petit e podemos evidenciar também nas práticas propostas pelo *Programa Ler e Escrever*, "Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literária, é necessário que se tenha experimentado esse amor" (PETIT, 2008, p.161). O professor- mediador precisa ser essa figura, modelo que será seguido pelo leitor em formação. A escola, como um todo, é também essencial nesse processo.

Na apresentação da edição brasileira do livro *A literatura em Perigo* de Tzvetan Todorov, Caio Meira discorre sobre a importância da escola na formação do leitor:

Para que o próprio leitor não morra como leitor, a arte poética e ficcional deve ser apresentada em primeiro lugar em seu estranho poder imprevisto, encantado, emocionante, de forma a criar raízes profundas o suficiente para que nenhum corte analítico ou metodológico venha a podar sua presença criadora, para que nenhuma de suas partes essenciais seja amputada antes que ela aprenda a se mover e nos acompanhe pelos sentidos que damos à vida à medida que vivemos. (2009, p. 12)

É ainda o autor quem evidencia a relevância do texto literário para o ser humano: “se o texto literário não puder nos mostrar outro mundo e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo” (2009, p.12).

#### **1.4 O repertório na formação do leitor**

Desde a mais tenra idade, quando a criança tem a oportunidade de entrar em contato com diferentes histórias, ela adquire um repertório cultural, o qual fará parte do seu dia a dia e lhe ajudará no percurso de se tornar um leitor proficiente, autônomo, em busca de novas leituras instigantes.

Lewis (apud MACHADO, 2002, p.135) aponta que o “Clássico infantojuvenil é aquele cuja primeira leitura pode ser feita na infância”, visto que em qualquer idade terá alguma coisa a dizer. Tal acepção dialoga com o defendido por Calvino que, no seu livro *Por que ler os clássicos*, define clássico como: “(...) um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (1993, p.11).

Essa renovação infinita do significado é um dos valores mais frequentemente atribuído aos clássicos, que permite ao leitor a leitura feita à luz do presente, de seus gostos e indagações. Propiciando o conhecimento de outras literaturas, o clássico é, ainda, um antídoto contra o provincianismo.

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 1993, p. 11)

Considerando que a leitura dos livros muda de acordo com a perspectiva histórica, assim como o leitor, o encontro entre obra e leitor é um acontecimento totalmente novo. A cada nova leitura um novo diálogo é estabelecido, o qual é marcado pelas experiências e repertório prévios do leitor. Essa é também a dinâmica da própria literatura, haja vista que, conforme afirma Machado (2002, p.126), "toda literatura sempre se fez em cima de um diálogo com as obras anteriores, de um contágio daquela escrita com os livros lidos pelo autor. Sem esse permanente intercâmbio, não se escreve".

Calvino (1993) ressalta a importância da escola em incentivar os alunos à leitura direta dos textos originais, porque "nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão" (p.12). E completa o seu pensamento afirmando: "Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos" (p.12).

O papel da educação se mostra essencial nesse aspecto, o qual também é privilegiado pelo *Programa Ler e Escrever*, pois é fundamental, segundo Calvino (1993, p.12), propiciar ao aluno a leitura dos textos integrais, da obra original, visto somente eles dizerem o que se tem a dizer e que "só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele".

A escola e a família devem possibilitar que a leitura dos clássicos estabeleça uma relação pessoal com quem o lê. E, para que isso aconteça, é necessário transmitir o amor pela leitura, ou seja, aquela leitura feita com prazer, em oposição àquela feita por dever e obrigação. O *Programa Ler e Escrever* incentiva a leitura dos clássicos através da leitura diária feita pelo professor assim como pela roda de conversa, sala de leitura e canto da leitura, práticas essas que serão posteriormente apresentadas e discutidas. Por meio dessas práticas, as crianças têm a oportunidade de conhecê-los, apreciá-los, e adquirir um repertório amplo de leitura. É no afã de que

isso possa ser viabilizado que o Programa disponibiliza às escolas do Ensino Fundamental I um acervo rico, diversificado, para ser lido pelas crianças ao longo do ano letivo.

Por meio desse ato, o intuito parece ser a formação de um leitor próximo ao ideal, "(...) aquele capaz de lançar mão de um repertório amplo de leitura e saberes culturais, base da expressão e avaliação de novas leituras" (DIOS, 2000, p.122). Para isso, como afirma o Professor João Alexandre Barbosa, em *Literatura Nunca é Apenas Literatura (2003)*, "é preciso ter um estoque mínimo, um repertório mínimo, para que seja possível identificar a importância de uma obra ou de um texto literário". No que concerne à relação do leitor com o texto literário, afirma: "quando o texto realmente interessa tal relação nunca é tranquila, mas sim tensa, de medo até, ou mesmo terror – uma relação de qualquer forma, inquietante. As obras de arte que não provocarem a inquietação são obras que não têm interesse" (2003, p.22).

É justamente a proposição de leituras de textos desse tipo que está presente no *Programa Ler e Escrever* e que, certamente, contribuem para a construção de um repertório desejável para a formação do leitor literário.

### **1.5 A literatura nas salas de aula: a escolarização literária**

Sabe-se que a realidade do estudo da literatura evidenciado hoje nas escolas está bastante distante das propostas e concepções até aqui apresentadas. Em razão da forma como é trabalhada, o que temos são cada vez mais leitores distanciados da literatura.

A escola se apropriou da literatura e a transformou em saber escolar, isto é, a escolarizou. Escolarização que é inevitável, porque faz parte da escola a didatização ou a pedagogização de conhecimentos e práticas culturais. Entretanto, a escolarização da literatura adquiriu um sentido negativo pela maneira como foi e ainda é realizada pela escola, ou seja, com fins formativos e educativos, que podem levar a uma aversão à leitura e, em especial, à leitura dos textos literários, pois as práticas literárias de leitura são distantes das práticas sociais de leitura.

A escolarização da literatura possível (e desejável) de ser realizada se caracterizaria, dentre outros aspectos, pelas práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social, ou seja, práticas que propiciam o gosto pela leitura, a compreensão do literário (percepção do poético na linguagem e apreciação da poesia), o desenvolvimento do conceito de autoria, de obra, o oferecimento de critérios apropriados para a seleção de autores e textos, o propiciar a vivência do literário, bem como o trabalhar com textos integrais sem estarem fragmentados (pseudotextos). Tais práticas são contempladas também pelo *Programa Ler e Escrever*, que possibilita o contato com vários gêneros, autores, textos integrais, textos inseridos no contexto social e que contribuem para a formação do repertório do sujeito. A leitura do professor, a roda de conversa, a sala de leitura e o canto da leitura, por exemplo, possibilitam a socialização dos vários textos que surgem com a experiência dessas práticas no ambiente escolar.

Nessa concepção de formação estão em jogo as atitudes e valores do ideal de leitor que se quer formar. Resta, então, à escola, refletir e colocar em prática maneiras adequadas de trabalhar a literatura. A escola necessita estabelecer critérios que preservem o literário e que propiciem a sua vivência, pois, da maneira como o texto literário é, de modo geral, trabalhado atualmente – como texto informativo, formativo e para uso de exercícios de metalinguagem – ele não emociona, não diverte, não é prazeroso, tornando-se apenas um objeto a ser somente estudado, o que contribui para distanciar o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ao livro e à leitura.

As perguntas de compreensão de texto, tão utilizadas pela escola, e que apenas levam o aluno a identificar uma sentença ou palavras, de forma fragmentada, constituem-se como exemplo de práticas inadequadas na abordagem do texto literário, haja vista não estimularem os alunos a uma compreensão plural que é suscitada pelo próprio texto literário, mas somente a localização das informações explícitas. O aluno, por meio delas, não constrói um sentido global do texto e, conseqüentemente, não aprende a ler. Pois, para entender um texto, é necessário inferir informações, ou seja, ler nas entrelinhas aquilo que não está explícito.

Para que o leitor compreenda um texto literário, precisa ser motivado e capacitado a desvendar seus vários sentidos. Sentido que é construído pelo leitor e que pode ser múltiplo para um mesmo texto. O leitor, nesse processo, constrói inferências. Portanto, o processo de construção de sentido acontece através das informações fornecidas pelo texto, conhecimento prévio do leitor, contexto extralinguístico e objetivo da leitura, os quais interferem diretamente na construção de seu sentido, pois orienta a escolha das informações que estão contidas no texto pelo leitor e no seu conhecimento prévio. A fim de que se faça a crítica, é essencial que se entenda o que está sendo lido.

Assim, além de propiciar o encontro com os vários sentidos do texto, a escola deve possibilitar que o aluno aprenda a fazer uma leitura crítica, ou seja, que aprenda a refletir sobre o texto lido. Essas duas etapas são indissociáveis e devem ser trabalhadas na escola.

É válido ressaltar que as perguntas de interpretação levam o aluno à reflexão sobre sua realidade e são adequadas para serem usadas em sala de aula, mas inadequadas no processo de avaliação para obtenção de nota. Quando bem utilizada, essa atividade desperta o interesse do aluno pela leitura e, ao mesmo tempo, atua na obtenção de informação, crescimento e prazer.

Para que tudo isso possa ocorrer, ou seja, para que haja o aprendizado efetivo da leitura pelo aluno, é essencial que a escola se preocupe com a legibilidade dos textos utilizados, a fim de que a leitura aconteça como uma interação entre texto e leitor – informação captada do texto e o conhecimento prévio do aluno.

Os professores, de todas às áreas, necessitam selecionar textos adequados ao nível de conhecimento prévio do aluno – conhecimento da língua e assunto do texto –, preocupação essa de que também se ocupa o *Programa Ler e Escrever*. Na prática de leitura diária de textos literários, feita pelo professor, o Programa enfatiza a importância de as experiências dos alunos com os livros e com a leitura serem bem planejadas. Com esse intuito, seleciona alguns critérios importantes para escolha de livros a serem lidos pelo professor com o objetivo de orientá-lo e garantir, assim, a formação de leitores. É importante graduar a complexidade à medida que o aluno

adquire as habilidades da leitura (estratégias que o leitor adquire e automatiza com a experiência da leitura). Dessa maneira, a criança irá ler com maior sucesso, pois irá compreender o que lê, haja vista que só se aprende a ler, lendo.

Os professores, muitas vezes, não têm essa preocupação em adequar o nível de dificuldade dos textos ao nível de desenvolvimento em que o leitor se encontra, fazendo com que os alunos sejam culpabilizados pela dificuldade de compreensão e, conseqüentemente, se distanciem cada vez mais do ato de ler.

A escola, aqui mencionada de forma geral e ampla, precisa, em sua prática cotidiana, não privilegiar o aspecto pedagógico do texto literário, mas perceber como a literatura pode contribuir para enriquecer as experiências humanas. À escola urge desvendar o belo existente na literatura, o belo que alimenta a alma e que também humaniza. É importante considerar que a literatura promove a utopia, os sonhos essenciais para o processo de humanização. Quem não possui sonhos, acaba defendendo a ideia de outros e se transforma em massa para ser manipulada pela ideologia vigente.

A literatura pode, portanto, ser uma das respostas e forma de posicionamento diante dos problemas enfrentados pelo homem contemporâneo. Assim, faz-se necessária a aproximação dela com o leitor através do professor-mediador, da escola, da família, do bibliotecário e da sociedade como um todo.



## CAPÍTULO II

### **Práticas de leitura do texto literário em sala de aula: diálogos com o Programa Ler e Escrever**

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez.  
(Jorge Luís Borges)

#### **2.1 A leitura e suas práticas**

A leitura em nossa sociedade deveria ser tratada como um direito e necessidade do cidadão. Necessidade que se encontra na defesa dos direitos, na participação consciente no processo de transformação da sociedade, na continuidade do pensamento, na possibilidade do pensamento divergente, reflexivo e do pensamento que busca significações. Segundo Bourdieu (apud CASTRILLÓN, 2011, p.94), “o pensamento pensante é subversivo e não admite ideias preconcebidas. Pensamento que busca sentido, significado”.

De acordo com o *Programa Ler e Escrever* (2014), a finalidade da escola é possibilitar ao aluno o acesso orientado e sistematizado à parcela do conhecimento produzido social e historicamente, selecionado por ela como relevante para a constituição do cidadão, a fim de que possa efetivamente ter uma participação social. Para que isso ocorra, a linguagem escrita é fundamental, evidenciando, assim, a importância de a escola tomar a leitura como objeto de ensino. Nessa perspectiva, na escola se deve ler para aprender a participar das práticas sociais de leitura, para a efetiva participação cidadã. Cabe à escola ensinar os alunos a participarem das práticas, possibilitando aprenderem a mobilizar todos os conhecimentos com os quais um leitor proficiente opera nas práticas sociais de leitura.

Para a realização deste intento, faz-se necessário a escola identificar os conteúdos fundamentais de leitura a serem trabalhados, bem como adotar práticas educativas que possam efetivar esses conteúdos. Neste sentido, é imprescindível competência técnica e compromisso efetivo de toda a escola

com a formação do leitor proficiente. Ler é importante na escola porque é importante fora dela.

### **2.1.1 Leitura diária do professor**

Dentre as práticas de leitura propostas pelo *Programa Ler e Escrever* e que dialogam com nossa prática em sala de aula, encontra-se a leitura diária de textos literários pelo professor. Atividade fundamental, pois, embora sejam leitores, ler textos mais complexos ou longos ainda representa-lhes um grande desafio. Dessa maneira, a leitura diária deverá envolver textos que necessitam da mediação do professor para que os alunos possam desfrutá-los plenamente e criar condições adequadas a fim de que, em médio prazo, eles o façam.

O Programa afirma que estudos sobre leitura demonstram que, ao lermos, utilizamos muito mais os conhecimentos que estão fora do texto (sobre a linguagem literária, o gênero, sua estrutura, o portador e mesmo sobre o conteúdo) do que aqueles que estão no papel (as palavras ou as letras). Ao ler para os alunos, o professor pode oferecer-lhes a experiência com esses aspectos externos que são fundamentais na construção de suas competências como leitores. Para formar leitores – um dos principais desafios da escola – é importante que as experiências dos alunos com os livros e com a leitura sejam bem planejadas sempre e, desta forma, a escolha dos livros é decisiva.

A seleção de alguns critérios para escolha de livros para a leitura do professor constitui-se em preocupação do Programa. Algumas delas são: 1- Leitura de textos que os alunos não leriam sozinhos. Histórias curtas, com pouco texto e muitas ilustrações – que podem servir para a leitura individual do aluno – geralmente não são adequadas a essa situação. 2- Escolha de textos cuja história seja apreciada pelo professor. Se a história não é interessante ao professor, é provável que a partir da leitura, ela não consiga mobilizar os alunos. 3- A qualidade literária do texto é importante. A trama deve ser bem estruturada (divertida, inesperada, cheia de suspense, imprevisível), com personagens interessantes e linguagem bem elaborada, diferente daquela usada no cotidiano. 4- Histórias com finalidades estritamente moralistas devem ser evitadas, a não ser que o foco do trabalho seja dessa natureza. Optar por

textos com diversidade temática e de autoria representativa da esfera nacional e internacional é também relevante. 5- Leitura de um livro em capítulos ou a divisão da história mais longa em partes. Isso implica interromper a leitura em momentos que criem expectativa, permitindo que os alunos façam antecipações e se mantenham desejosos de continuar conhecendo a história.

Ainda conforme o Programa, ouvir a leitura e poder comentá-la já é uma atividade completa, na qual os alunos aprendem muito. Não é necessário, assim, complementá-la, solicitando que façam desenhos da parte que mais gostaram, dramatizações, dobraduras etc. Além de não serem ações comuns às pessoas ao lerem textos literários, não contribuem para que os alunos aprendam mais sobre o que foi lido nem para que se tornem melhores leitores.

O Programa (2015) ressalta, ainda, que ler é, acima de tudo, atribuir significado. Trata-se não mais de ensinar a língua, com regras e em partes isoladas, mas de incorporar as ações que envolvem textos e ocorrem no cotidiano. Tais ações podem e devem ser aprendidas para que se traduzam em comportamentos de leitor e de escritor. E esses comportamentos precisam ser ensinados.

Como professora do Ensino Fundamental I, em diálogo com a proposta do *Programa Ler e Escrever*, realizo a leitura de textos literários para os alunos. Todos os dias, após o intervalo, leio uma história para os alunos. O critério de escolha pelo horário deu-se após várias tentativas de leitura em horários diferentes, até observar e concluir que a leitura nesse horário era bem aceita pelos alunos e propiciava o momento de introspecção principalmente àqueles que chegavam muito agitados do recreio.

O critério de escolha das obras a serem lidas baseia-se na necessidade e no interesse dos alunos, aspectos esses que são percebidos pela sensibilidade do professor por meio da observação e conversa com as crianças. Além disso, há também a preocupação constante em oferecer diversidade de gêneros e autores – nacionais e estrangeiros –, textos integrais e de qualidade estética, literária e artística. Seguindo Bajour (2012, p. 52), para quem a escolha dos textos “vigorous, abertos, desafiadores, que não caíam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações é a antessala da escuta”, acredito que,

quanto mais textos os professores e os alunos conhecerem, assim como as várias maneiras de ler, mais autonomia terão no processo de escolha.

O processo de conhecimento dos alunos ajuda também de uma maneira positiva no processo de escolha, que é pensada com antecedência. A seleção necessita incluir textos que propiciem reflexão, que humanizem e que tratem também de temas difíceis os quais escola e família tendem a não querer abordar, tais como morte, separação, homossexualismo, medo, insegurança, entre outros. Esses temas ajudam no processo de crescimento da criança, pois auxiliam na elaboração dos processos interiores de medo, insegurança, ansiedade e outros sentimentos pertencentes a todo ser humano. Pode-se dizer que a literatura conversa conosco. “O próprio texto ajuda com algumas respostas e abre caminhos para novas perguntas” (BAJOUR, 2012, p. 27).

É importante observar o comportamento dos alunos com um olhar apurado para ver se estão motivados, alegres, cansados, tristes, e prestar atenção nas conversas, nas atitudes perante as diferentes situações, a fim de que tudo isso possa auxiliar no momento de escolha da obra a ser lida. Sempre que possível converso com os pais para conhecer melhor a história de vida da criança e o seu contexto, e quando percebo e sinto que a maioria delas está passando por um momento difícil, por problemas familiares ou de qualquer outra natureza que esteja influenciando seu comportamento, costumo ler contos de fadas pelo seu imenso valor psicanalítico.

Por possuir uma linguagem simbólica riquíssima, que se relaciona com os desejos, anseios e medos do ser humano, os contos de fadas permitem ao leitor elaborar simbolicamente seus conflitos íntimos, suas ansiedades, angústias e medos. Segundo Machado (2002, p. 79), “Essas histórias sempre funcionaram como uma válvula de escape para as aflições da alma infantil e permitiram que as crianças pudessem vivenciar seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais felizes dessa experiência”. Os contos de fadas garantem o processo de amadurecimento da criança e possibilitam a esperança de que mudanças são possíveis e que momentos melhores virão.

A prática permite-nos observar mudanças de comportamento dos alunos após as leituras de vários contos de fadas. Eles tornam-se mais confiantes, alegres e demonstram maior esperança no seu dia a dia. Quando percebo

mudanças positivas de comportamento, alterno a leitura com outro gênero literário. Esse olhar para a audiência é fundamental, pois fornece o caminho a seguir em relação à escolha das obras a serem lidas.

Proust afirmava (apud PETIT, 2009, p.33) que “as ideias eram sucedâneos das aflições: no momento em que as aflições se transformam em ideias, perdem uma parte de sua ação nociva sobre nosso coração, e mesmo, no primeiro instante, a própria transformação subitamente libera alegria”. Tal ideia é reforçada por Petit (2009, p. 33), para quem “Os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distancia, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria”. Percebe-se, assim, que as histórias permitem ao ser humano pensar sobre as suas relações com o mundo e fazer os desvios necessários em suas vidas, reinventar-se.

“Os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista” (PETIT, 2009, p.284). A leitura causa transformação das emoções e dos sentimentos, e uma elaboração simbólica da experiência vivida torna-se, em certas condições, possível. As palavras lidas e ouvidas acalmam, conferem inteligibilidade e até mesmo alegria. Mais ainda quando é proposto aos leitores não um decalque de sua própria história, mas uma transposição, uma metáfora. Aqui também um desvio, desvio vital quando se trata de contornar a dor ou o medo, de ser astuto com eles mais do que abordá-los de frente.

O objetivo da leitura do professor é desenvolver a busca do prazer e hábito da leitura pelo aluno, conquistas que surgem a partir do papel desempenhado pelo professor como mediador e responsável pelo encontro do texto com o leitor. O professor é, antes de tudo, o modelo de leitor proficiente, que transmite o prazer e o amor pelos livros, que sente alegria em compartilhar com seus alunos os momentos preciosos com os textos literários. Dessa maneira, os alunos sentirão familiaridade e confiança com os textos e acabarão encontrando aqueles que dirão algo de especial a eles. Machado (2002, p.11) chama a atenção para a importância de expor as crianças, o mais cedo possível, à leitura de diferentes textos a fim de que possam “fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva” que o leitor incorporará pela vida afora, ajudando-o a ser quem é.

O professor precisa conhecer e se familiarizar com a história para poder transmiti-la com segurança e realizar uma leitura adequada da obra, respeitando a entonação, o ritmo, as falas das personagens, enfim, é necessário se identificar com a obra. Os alunos observam o comportamento do professor na hora da leitura, suas emoções, entonação, ritmo da leitura e prazer com que a realiza; tudo isso é sentido por eles e, certamente, influencia na hora da escolha da obra feita pelos alunos. Sendo assim, a responsabilidade do mediador da leitura é imensa, pois o aluno pode ler ou deixar de ler uma obra, dependendo de como aquela leitura foi feita e percebida por ele.

O tamanho do livro não deve influenciar na escolha da leitura a ser feita pelo professor, pois as crianças têm capacidade de ler qualquer quantidade de texto. O livro deve ser lido em vários dias se necessário, por capítulos ou por partes, e durar o tempo que for preciso até ser finalizado. Por meio dessa prática, as crianças aprendem a ter paciência, pois a história serve de motivação e os compele a prosseguir.

É interessante como as crianças apreciam muito esse momento prazeroso da leitura, e um dos combinados é de que precisam prestar atenção na leitura do professor, ficar em silêncio para que possam usufruir da leitura, respeitar o professor, os colegas e o texto que está sendo lido. Enfatizo, em minha prática, que leio para todos e que, portanto, todos necessitam estar atentos. No primeiro dia letivo do ano, já explico sobre a leitura que será sempre feita após o intervalo e ressalto a importância do comportamento adequado. Durante as primeiras semanas, as crianças demonstram um pouco de dificuldade em respeitar as regras, mas, após algumas semanas, a maioria deles incorporam os combinados e passam a reclamar com os colegas que estão atrapalhando. Eles começam a exercer atitudes de cidadãos com direitos e deveres. Deixo claro que a leitura só poderá ser realizada se houver silêncio na sala. Conforme vão aprendendo a apreciar as histórias e se envolvendo com elas, desenvolvem o prazer da leitura e começam a se posicionar cada vez mais diante dos colegas que não estão respeitando esse momento.

Essa prática diária, realizada pelo professor ao longo do ano letivo, tem duração média de dez a vinte minutos. A sistematização dessa prática para a

formação do leitor literário é de grande importância. Quando a história é lida em partes ou capítulos, eu retomo, com a ajuda dos alunos, a história contada no dia anterior para que eles possam lembrá-la e fazer as devidas relações, a fim de prosseguir com a leitura. Após a leitura, dou continuidade à rotina do dia.

É de grande relevância aqui apontar que o objetivo dessa leitura não é o de fazer questionamentos sobre a história, mas de aproximá-los do texto literário, dando oportunidade para que se apropriem dele, cada um a sua maneira, respeitando o tempo de cada um no processo de digeri-lo e senti-lo. Pode-se afirmar que é a leitura com o propósito de despertar o prazer.

Existe uma mediação por minha parte desde a escolha do livro até o final da leitura, mas, ao mesmo tempo, existe um respeito pelo momento mágico que acontece durante e após a leitura. Caso os alunos queiram perguntar alguma coisa, ou fazer comentários sobre a história, podem fazê-lo ao final.

A linguagem poética é simbólica, metafórica, portanto, é necessário que haja um pacto entre o leitor e o texto, para que a história possa acontecer, ou seja, para que o leitor realmente vivencie tudo aquilo que é possível de acontecer. Segundo Machado (2002, p.98), “grande parte da vitalidade e permanência dos grandes livros não estão em suas qualidades intrínsecas de forma acabada e fechada, mas no potencial de leituras que elas permitem”.

Ao longo do ano, com a prática da leitura diária, juntamente com outras práticas desenvolvidas concomitantemente, verifica-se o desenvolvimento do repertório linguístico e literário, aumento do vocabulário, melhora visível na linguagem oral, escrita e a incorporação do prazer e do hábito da leitura, o que pode ser observado pelo aumento do interesse dos alunos pela leitura das obras literárias e pelos diversos gêneros (texto informativo, científico), bem como pelo pedido, ao final de cada leitura, que continue lendo a história.

Se a leitura, em geral, propicia a reflexão, a leitura do texto literário vai além, promovendo a busca dos diversos significados existentes no texto, permitindo ao sujeito usufruir da sua capacidade criativa e crítica.

Em *Escrever a leitura*, Barthes indaga:

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias,

excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler e levantar a cabeça? (apud BAJOUR, 2012, p.17)

Essa quebra no ritmo da leitura, esse levantar de cabeça, segundo Barthes, é “ao mesmo tempo desrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre”. Fica clara, aqui, a ideia do leitor como autor, como alguém que cria relações com a obra, com outras leituras, experiências, pensamentos. A leitura evidencia-se como ato em que surgem criações inesperadas, ideias, descobertas, interpretações e, conseqüentemente, o espaço em que o sujeito se arrisca no processo de promover novas significações e de socializar significados.

Petit, com seu vasto trabalho com leitores, ilustra essa situação (2009, p.24):

Mais do que a decodificação dos textos, mais do que a exegese erudita, o essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas.

Evidencia-se, assim, a importância da vivência do sujeito no processo de significação do texto. Vivência de mundo que permite ao leitor se arriscar, descobrir novas possibilidades oferecidas por meio desta e de outras práticas de leitura desenvolvidas.

### **2.1.2 Roda de leitura**

Outra atividade desenvolvida pelo *Programa Ler e Escrever* com a finalidade de promover a formação do leitor literário é a Roda de Leitores – indicação literária. Tal prática tem como objetivo central o planejamento da fala com o propósito de indicar a leitura de um texto após sua apreciação pelo leitor. Trata-se de uma situação de exposição oral em que se requer ouvir com atenção, comentar e opinar sobre a indicação e/ ou leitura.

Sugere-se no Programa que a atividade seja desenvolvida ao longo do ano, quinzenalmente, com os alunos organizados em duplas, tomando-se o cuidado para que um deles saiba ler, mesmo que ainda não leia com fluência. A duração sugerida da atividade é de 50 minutos, sendo utilizados para isso os livros do acervo da escola disponibilizados pela Secretaria da Educação. O



encaminhamento completo da atividade, conforme sugerido pelo *Programa Ler e Escrever*, pode ser verificado no Anexo 1.

Mantendo o diálogo com a proposta do *Programa Ler e Escrever*, realizo a Roda de leitura com meus alunos. A roda de leitura é uma prática que ocorre uma vez por semana em sala de aula, e antecede a sala de leitura, com duração de aproximadamente cinquenta minutos. Nada impede, entretanto, que seja realizada em outro local da escola. Ela proporciona aos alunos a oportunidade de falar sobre a obra lida; portanto, quanto mais aconchegante for o ambiente, melhor será a socialização da leitura.

Nesta prática, cada criança apresenta o livro aos colegas. A apresentação inicia-se pelos elementos paratextuais como: título, autor, ilustrador, tradutor e editora. Durante minha leitura diária, apresento esses elementos toda vez que inicio a leitura de uma nova obra, para que aprendam a identificá-las e possam fazê-lo durante a leitura individual. Explico a importância de cada elemento, e ressalto o hábito saudável de procurar, tanto nas orelhas do livro quanto nas últimas páginas, informações sobre autor e ilustrador, e nas primeiras páginas mais informações sobre os dados da editora. Todas essas informações serão úteis tanto para a escolha do livro quanto para a sua leitura. Portanto, como leitora, sirvo como modelo de leitora competente que se utiliza de todos os elementos da obra para auxiliar no processo da leitura.

É bastante interessante verificar, no decorrer do tempo, conforme conhecem os diferentes autores e editoras, a atitude de apropriação e reconhecimento dessas informações que se transformam em repertório literário. Como exemplo, temos a fala de um aluno quando encontrou um livro de Ruth Rocha no acervo da classe e a reconheceu, pois já havia lido um livro dela: "Olha professora, esse livro é da Ruth Rocha!". Tal fala parece apontar para o sentimento de pertencimento ao universo literário.

Durante a apresentação, quando necessário, auxilio a criança a identificar esses elementos. É um processo lento, que exige paciência, pois cada criança tem seu tempo. Aos poucos, elas vão se sentindo confortáveis, agindo naturalmente diante da situação. Após a apresentação dos elementos paratextuais, o aluno irá falar um pouco sobre a obra. Contará a história,

tomando cuidado para preservar o final, além de fazer um comentário, podendo recomendá-la aos colegas.

No início do ano, algumas crianças sentem medo e vergonha de falar sobre o livro escolhido. Na verdade, como não estão acostumadas a falar em público, sentem-se intimidadas diante da situação. No decorrer do primeiro semestre, nota-se uma mudança de atitude, ou seja, começam a sentir maior segurança e ficam naturalmente mais à vontade.

Aproveito a oportunidade para expandir o repertório em relação ao gênero literário (poesia, texto informativo, contos de fadas, romance, almanaque, lendas, contos, bibliografia) e aponto as características do gênero a que pertence a obra.

No caso de um colega ter lido um texto informativo, explico suas características e no que ele difere de um conto de fadas, por exemplo. Dessa maneira, utilizo uma situação real de leitura para que entendam os diferentes gêneros. Segundo Petit (2008, p.178), em relação à diversidade dos textos, "é importante lembrar que as coisas não são equivalentes, que ler literatura (ficção, poesia, ensaios) não pertence a mesma ordem que ler uma revista de motocicletas ou um manual de informática".

Teço também comentários sobre o autor, o ilustrador e a obra em geral, com o objetivo de ampliar o repertório literário e aguçar a curiosidade. Um dos objetivos desse trabalho é o de tornar a apresentação o mais agradável possível, como se fosse uma conversa informal.

É no afã de tornar isso possível que se faz necessário um trabalho sistemático desde o 1º ano do Ensino Fundamental, para que as crianças sintam-se à vontade com o livro e capazes de conversar sobre ele de maneira mais segura, pois já terão adquirido um vasto repertório linguístico e literário. O livro, neste contexto, será visto como um companheiro de caminhada e não como um intruso desconhecido. Além disso, com a prática da escuta, eles aprendem a respeitar a fala do colega e a demonstrar atitude adequada, necessária para o momento.

Assim como a leitura diária do professor influencia na escolha do livro pelo aluno, a apresentação da obra realizada durante a Roda Literária pelos alunos tem o poder de aguçar a curiosidade das crianças, bem como a

recomendação da obra pelo colega. Esclareço que a opinião do colega quanto à obra não deve impedi-los de fazer a escolha, pois a opinião é algo muito pessoal e que só pode ser construída após a leitura do livro.

A prática inicia-se segundo a ordem da listagem feita na sala de leitura. O objetivo é que todos apresentem, mas raramente isso acontece, porque algumas crianças, esquecem de trazer o livro. Durante a apresentação, é trabalhada também a questão do respeito pelo colega que está apresentando. Todos precisam ficar em silêncio, prestando atenção. No início do ano, por causa da falta de conhecimento da prática e, portanto, pela falta do hábito, eles conversam e fazem bagunça. Preciso intervir várias vezes, pontuando sobre a importância de um comportamento adequado para que todos possam se beneficiar da atividade. Ao longo das semanas, as crianças começam a modificar suas atitudes e o trabalho torna-se mais prazeroso.

A listagem dos alunos permite saber quem trouxe o livro e, conseqüentemente, quem está apto para escolher e levar outro para casa durante a sala de leitura. Após a apresentação de todos que trouxeram o livro, encaminhamo-nos para a sala de leitura para que possam devolver o livro lido no lugar certo, escolher outro – ou renovar –, para ser levado para casa e ser lido até a próxima semana. Dessa maneira, toda semana o trabalho é realizado, iniciando-se pela Roda de Leitura e tendo continuidade na sala de leitura. Praticamente, são duas horas consecutivas de trabalho semanalmente.

A Roda de Leitura propicia a socialização; o desenvolvimento do prazer e hábito da leitura; o conhecimento de diferentes gêneros literários, autores e obras; o desenvolvimento da linguagem oral e escrita; atitudes de respeito diante da obra e dos colegas; capacidade de escuta; respeito a diferentes opiniões; desenvolvimento da capacidade de argumentação; capacidade de identificação dos elementos paratextuais e seus significados, bem como aumento do repertório linguístico e literário. Oferece também oportunidade de socializarem ideias e informações, propiciando um momento de reflexão, organização da narrativa para ser contada, e aprendizado de uma atitude e comportamento adequados em público durante uma apresentação. Conforme Petit (2008, p.85), "a partir da infância é que a leitura começa a contribuir para

a formação do espírito crítico e por meio da leitura aprende-se a importância dos exemplos da arte de argumentar, de debater".

É ainda a mesma autora que discorre sobre a importância do papel do mediador no processo de desenvolvimento da cidadania propiciada pela leitura:

a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, a tomada de distância, a reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania. (PETIT, 2008, p.148)

Conforme elencado por Aidan Chambers, o ato de leitura consiste, em grande medida, na conversa sobre os livros que lemos, e o encontro coletivo de leitura possibilita a socialização dos diversos significados (apud BAJOUR, 2012). Afinal, a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual e, sim, dialógico.

### **2.1.3 Roda de Biblioteca**

O *Programa Ler e Escrever* recomenda também a realização da Roda de Biblioteca, também conhecida como Sala de Leitura, situação em que os alunos, em um dia estipulado para fazer empréstimo de livros do acervo da biblioteca ou da classe na escola, compartilham impressões e fazem recomendações a respeito dos livros lidos. Sugere-se que ela ocorra uma vez na semana.

Em minha prática ao longo do ano, em diálogo com a proposta do *Programa Ler e Escrever*, realizo a sala de leitura com meus alunos.

A prática de sala de leitura acontece uma vez por semana na sala de leitura da escola, com duração de aproximadamente 50 minutos. Os alunos devolvem os livros lidos durante a semana anterior e escolhem outro título para ser levado para casa. Após a escolha, eles têm autonomia de lerem naquele momento, ou separá-lo para ser lido em casa e, conseqüentemente, aproveitarem a oportunidade de escolher outras obras para serem lidas durante a sala de leitura.

Algumas regras necessitam ser respeitadas pelos discentes durante essa atividade: 1 - Fazer silêncio na sala e, se necessário, falar baixo para não atrapalhar os colegas. Eles podem fazer comentários sobre os livros com os

colegas, assim como compartilhar a leitura do livro, mas sempre respeitando o espaço que não condiz com bagunça e barulho. 2- Só é permitido levar um livro para casa se o aluno trouxer o título escolhido na aula anterior. Há o controle, por parte do professor, no que concerne às retiradas e às devoluções para que os alunos aprendam a respeitar os combinados e terem a responsabilidade de não esquecerem, pois estarão prejudicando os colegas que, porventura, queiram escolher aquela obra, e a eles mesmos, pois não poderão levar outro. Isso não impede de fazerem a leitura durante a aula. 3- No caso de perder ou estragar o livro, o aluno é responsável pela compra do mesmo título, ou outro de sua escolha para ser repostado no acervo. Dessa maneira, aprende que uma vez que leve o livro para casa, ele é responsável por aquele objeto e responde pelas consequências às situações por ele criadas. Assim, aprendem a valorizar o que é público e a ter respeito por aquilo que pertence a todos e as possíveis implicações decorrentes de suas atitudes e comportamento.

No início do ano, muitos alunos esquecem de trazer o livro no dia da sala de leitura. Mas, no decorrer das semanas, vão se acostumando e o número de alunos faltosos diminui bastante, pois percebem que as regras não serão burladas e eles próprios poderão ser prejudicados por não ser possível levar um novo título para casa.

No primeiro dia de sala de leitura, mostro a sala e explico sobre a organização dos livros que se encontram separados segundo o gênero e a necessidade de respeitarem esse critério na hora da devolução para que todos possam se beneficiar na ocasião da escolha da obra. Cada gênero é identificado com nomes nas etiquetas pregadas nas prateleiras e círculos coloridos, que também estão presentes na capa dos livros. Os contos de fadas, por exemplo, possuem um círculo amarelo, tanto na capa, quanto na prateleira. Dessa maneira, as crianças que ainda não sabem ler se orientam pela cor dos círculos. O professor precisa estar atento para observar se os alunos respeitam essa organização, assim como, no final da aula, orientá-los a deixarem os livros, as mesas e cadeiras em ordem para os próximos que virão.

O momento na sala de leitura, além de propiciar o cultivo do prazer e hábito da leitura, promove também o desenvolvimento de atitudes éticas e cidadãs e quem irá mediar essa promoção será o professor, que deve estar

sempre atento ao comportamento dos alunos para que respeitem as regras. Dessa forma, o professor é o modelo de leitor competente, que também lê nesse momento e respeita as regras tanto quanto eles com a preocupação constante de ensiná-los a cuidarem dos livros e a deixarem o ambiente em ordem.

A sala de leitura é um ambiente leitor, que propicia experiência e vivência com diversos gêneros textuais, diferentes autores e ilustradores, e incentiva o desenvolvimento do prazer e hábito da leitura. O ideal seria poder usar esse espaço em outros horários, como na hora do intervalo. Mas, por conta da rigidez de horário, falta de flexibilidade, falta de funcionários que possam ficar na sala, isto atualmente não é possível. Acredito que se a leitura fosse realmente valorizada e sua importância reconhecida para a formação do sujeito, as escolas da rede pública estadual teriam um funcionário na sala de leitura disponível para desenvolver projetos juntamente com os professores e permaneceria à disposição para receber os alunos durante todo o período escolar. Nas horas livres, os alunos poderiam frequentar a sala para ler, fazer pesquisa e trabalhos com os colegas.

A dinâmica da sala de leitura acontece de uma forma sistemática, ou seja, os alunos levam para casa o livro escolhido e compartilham a leitura com a família. Eles têm uma semana para ler o exemplar e, caso precisem de mais tempo, poderão renová-lo. Entretanto, se houver lista de espera, não poderão fazê-lo. Conforme orientação fornecida durante as reuniões de pais, o livro pode ser lido por eles também, como uma oportunidade de estarem juntos, compartilhando esse momento de aproximação, assim como servirem como modelo de leitor competente.

Existem algumas obras que são muito requisitadas, portanto, uma lista de espera é organizada pelo professor, com o nome dos alunos e das obras para que todos possam se beneficiar de sua leitura. Eles aprendem a respeitar essa ordem e a ter paciência de esperar a sua vez. E o mais importante é não esquecer de trazer o livro no dia da aula, porque o aluno estará prejudicando aqueles que estão na lista de espera.

Por meio dessa atividade, trabalha-se com a autonomia do aluno, pois ele escolhe a obra a ser lida. Lida por interesse, necessidade (emocional, aquisição de novos conhecimentos), curiosidade, atitude essa que auxilia no processo de fazer escolhas necessárias para a vida. Conforme Bloom (apud COMPAGNON, 2009, p.62), a literatura propicia a experiência de uma autonomia e “somente a leitura intensa, constante, é capaz de construir e desenvolver um eu autônomo”. Quando estão com dúvidas, entre um livro e outro, eles pedem a minha opinião. Tento ajudá-los, mas sempre tentando levá-los a tomarem decisões por eles mesmos. Demonstro prazer em relação às histórias lidas por mim e que gostei bastante, passando a sensação de que aquela leitura poderá ser extremamente prazerosa.

Trabalha-se também, nesse momento, o respeito pelo ambiente, pelos colegas, o cuidado com os livros, com a organização das obras e a socialização das informações. Observa-se, ainda, o desenvolvimento do repertório linguístico e literário, assim como da linguagem oral e escrita.

É bastante gratificante observar as crianças interessarem-se pelas histórias, fazendo as escolhas e compartilhando com os colegas o prazer da leitura. Mais gratificante ainda é quando pedem para levar durante as férias de julho mais que um livro para ser lido em casa. Eles sabem que a regra é levar somente um livro, mas eles praticamente suplicam para levar mais de um. Acredito ser importante a escola incentivar e garantir que os alunos levem livros para serem lidos durante as férias.

Nesse momento, observa-se que o processo de formação do leitor literário está acontecendo. É o início de um caminho que irá levá-lo ao descobrimento do maravilhoso mundo da leitura e da literatura, processo que necessita ter continuidade para que o aluno desenvolva o hábito da leitura.

A sensação de olhar as crianças, felizes por estarem naquele ambiente, desfrutando de um vasto acervo literário, podendo escolher as obras a serem lidas e lendo por vontade própria, demonstra que quando a pessoa tem acesso aos bens culturais com a mediação do professor – que é fundamental – eles são apreciados e começam a fazer parte integrante da vida do sujeito. Segundo Petit (2008, p.134), “a leitura pode reforçar a autonomia, mas o fato de alguém se entregar a ela já pressupõe uma certa autonomia”.

A importância da rotina de frequentar a sala de leitura uma vez por semana com os alunos é essencial ao cultivo do prazer e hábito da leitura, a fim de que possam levar essa experiência para fora dos muros da escola, ou seja, para a vida. E, assim, poderem continuar fazendo escolhas através da busca constante de seus interesses, dúvidas, indagações e necessidades e aproveitar as oportunidades que a vida oferece e saber como buscá-las.

#### **2.1.4 Canto da leitura**

De acordo com o *Programa Ler e Escrever*, as crianças, desde muito cedo, pensam sobre a língua e se esforçam para compreender a escrita a partir do contato cotidiano com as mais variadas produções do mundo letrado. Sendo assim, a escola deve trazer para o convívio das crianças as mais diferentes práticas de leitura e escrita.

A relação com bons livros abre um caminho para as crianças também se apropriarem da linguagem nos diferentes gêneros e portadores, compreender como se organizam, distinguir as características e estruturas marcantes dessas linguagens. Ainda de acordo com o Programa, esse passo é fundamental para alimentar a imaginação e despertar o prazer pela leitura, contribuindo assim para um processo de alfabetização mais intenso. Para que isso seja possível, o Programa propõe o Canto da leitura, prática que se caracteriza pela disponibilização de um acervo em sala de aula com livros de boa qualidade, gibis e revistas para serem escolhidos e lidos pelas crianças. Essa prática possibilita um contato mais próximo com os livros, permitindo às crianças manuseá-los, observá-los e criar uma intimidade com esse material. O canto, convidativo e confortável, é um permanente convite a passar momentos ao lado de um colega, dividindo curiosidades, folheando páginas de um livro e contando suas histórias.

O processo de seleção e organização do material a ser utilizado no desenvolvimento desta prática de leitura pode ser detalhadamente observado no Anexo 2.

Na prática ao longo do ano, em diálogo com a proposta do *Programa Ler e Escrever*, realizo o Canto da leitura. Incentivo os alunos a trazerem



almofadas, colchonetes, tapetes e pufes para organizar o canto da leitura, a fim de que possam ler durante o período de aula. Cabe ressaltar que esta organização dependerá da turma de alunos, pois se não disponibilizarem o material necessário, o canto da leitura não se concretizará, e eles farão a leitura em suas carteiras ou se agruparão com os colegas em um canto da sala.

O objetivo do Canto da leitura é o de propiciar um lugar prazeroso e agradável para a leitura, no qual possam relaxar e usufruir desse momento. Entretanto, mesmo sem a organização desse canto prazeroso, a leitura não deixa de acontecer. As crianças são responsáveis por manter a organização desse espaço, e por organizá-lo diariamente, visto que, após o período de aula, eles precisam guardar o material e recolocá-lo no dia seguinte (almofadas, tapetes, colchonetes). Eles aprendem, nesse contato diário com os livros e com a ajuda do professor, os cuidados necessários no manuseio do acervo.

Esse espaço serve de estímulo àquelas crianças que ainda não foram fisgadas para o mundo da leitura, pois o ambiente aconchegante com uma diversidade enorme de obras propicia essa aproximação.

O acervo da sala de aula organizado pelos alunos com a minha ajuda, assim como o acervo disponibilizado pelo Governo do Estado, estão organizados de forma que as crianças consigam visualizá-los e utilizá-los no canto da leitura. Eles têm autonomia para escolher o que querem ler, bem como conversar com os colegas que estão compartilhando o mesmo espaço sobre a leitura que está sendo feita.

Esse espaço proporciona a autonomia dos alunos em relação à escolha dos livros e na organização do canto, funcionando como um convite a se aproximarem das obras ali reunidas.

## **2.2 Os vários sentidos da leitura**

O encontro com os textos possibilita a socialização dos diversos significados, de forma que os leitores se beneficiam ao compartilharem aquilo que leem com outros leitores, ou seja, os sentidos que um texto desencadeia

em cada um. Segundo Aidan Chambers (apud BAJOUR, 2012, p. 22), “ o ato da leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos” .

Neste aspecto, o encontro coletivo de leitura “seria objetivar o pensamento, torná-lo visível para si mesmo e para outros. É como escrever a leitura em voz alta e como se outros a vivenciassem como parte do texto que nossas cabeças criam quando leem” (BAJOUR, 2012, p.22). Revela-se como uma possibilidade de socializar significados, ampliá-los, construir novos significados sem precisar, entretanto, concluí-los, pois a construção de sentido, como afirma Bajour, nunca é um ato meramente individual, mas dialógico.

Pode-se afirmar que a literatura, de uma maneira geral, desperta a interioridade do leitor, propicia o despertar do pensamento reflexivo, auxilia o processo de simbolização, a construção de sentido e as múltiplas relações advindas das trocas entre os leitores. Sendo assim, os escritores são criadores de sentido que tomam o tempo necessário para dar significado a um evento, individual ou coletivo, a uma experiência singular e universal. “São profissionais da observação, que, com um pensamento devagador, próximo do inconsciente e de seus mecanismos (a condensação, o deslocamento), trabalham-na, desempoeiram-na de clichês (os bons escritores pelo menos)” (PETIT, 2009, p. 285).

Citando Bernard Chouvier, Petit (2009) valida ainda mais a importância do acesso à leitura, alertando-nos acerca da necessidade da vida psíquica de encontrar vias indiretas para significar algo, o que, de acordo com o pesquisador citado, é conseguido através dos disfarces e dos desvios da língua. Seria por meio desses artifícios que aquilo que está escondido no subconsciente pode aflorar, permitindo o pensamento fluir e a criatividade ser explorada.

Garantindo que ninguém deveria ser obrigado a “gostar de ler”, Petit defende que a cada um, entretanto, fosse oferecida a experiência de apropriação da cultura escrita, a qual é desejável e possível em virtude de pelo menos três motivos, dos quais salientamos a necessidade de familiaridade com a escrita, elemento importante que atua e influencia tanto a atividade social quanto a formação escolar. Stéphane Beaud afirma (apud PETIT, 2009, p.287) que “a relação com a cultura escrita é uma condição essencial do sucesso

escolar, é mesmo a chave de tudo”, e completa assegurando que “o bloqueio dos meninos em relação à leitura é uma questão fundamental, que condiciona o seu acesso aos estudos, mas também a sua relação com a política”. Conseqüentemente, a possibilidade de ter voz ativa, principalmente no campo público, fica reduzida quando não há habilidade no uso da cultura escrita. Desta forma, a familiaridade com a leitura e com a escrita traz mais chances para o sujeito atuar na sociedade em que está inserido, permitindo-o ir em busca do saber e da informação e entrar em contato com a literatura sob todas as suas formas.

De acordo com o *Programa Ler e Escrever* (2014), lê melhor quem consegue identificar os valores e apreciações estéticas, éticas e afetivas veiculadas nos textos, de maneira crítica, de maneira a conversar com elas. Quanto mais se ler, maior será o contato com opiniões diferentes, que dialogam entre si. Nessa perspectiva, também lê melhor aquele que articula apreciações diferentes a respeito do mundo, dos fatos e das pessoas, pois é essa articulação, derivada da apreciação crítica, que possibilita a constituição dos valores pessoais de maneira mais consciente. Ensinar a ler, então, deve, necessariamente, supor criar situações nas quais os alunos reconheçam, identifiquem, analisem e se posicionem diante dos valores e apreciações veiculados nos textos.

A necessidade da leitura vai além, entretanto, do campo político- social. Conforme Petit (2009, p. 288), “somos seres de linguagem e seres de narrativas, e estas possuem um valor reparador. Todo ser humano sente de modo vital, necessidade de ter à sua disposição espaços onde encontrar mediações ficcionais e simbólicas”. Ou seja, como já mencionado, a literatura evidencia-se como necessidade também psíquica.

Barthes, na obra *Crítica e Verdade*, afirma que a literatura é processo de produção de sentidos, isto é, significação. Isso corresponde a dizer que o próprio da linguagem literária é ser uma linguagem da conotação e não da denotação, pois o que interessa na literatura não é o referente (aquilo que é denotado), mas o próprio poder conotativo do signo linguístico, sua polissemia. Assim sendo, o autor nunca produz mais do que presunções de sentido, formas, não se fazendo o sentido de uma obra sozinho, mas por meio de um

preenchimento. O escritor, assim, trabalha em um processo de multiplicar as significações sem as preencher nem fechar, e utiliza a linguagem para constituir um mundo enfaticamente significante, mas finalmente jamais significado, podendo uma palavra assumir vários sentidos. A boa literatura, nesta perspectiva, seria aquela que luta abertamente com a tentação do sentido, oferecendo constantemente ao leitor a oportunidade de (re)significá-la.

Considerando que a obra é sempre dogmática, porque a linguagem é sempre assertiva, Barthes defende que a obra não pode conservar nada da "boa fé" de seu autor: seus silêncios, suas tristezas, suas ingenuidades, seus escrúpulos, seus medos, tudo o que faria a obra fraternal, para que não haja comprometimento na leitura pelo leitor. Escrever é, para Barthes, deixar que os outros fechem eles próprios nossa própria palavra, e a escritura é apenas uma proposta cuja resposta nunca se conhece. Escrevemos para ser amados, somos lidos sem o poder ser, essa seria a distância que constitui o escritor.

Segundo Perrone-Moisés (2000, p. 294), as palavras-chave da obra de Barthes sempre foram significação, história e ética. Palavras proscritas ou ignoradas pelo pós-modernismo, pois o próprio modo de ser da pós-modernidade é contrário à concentração, ao isolamento e à paciência exigidos pela leitura: "Na cidade, na rua, sou bombardeado de informações, não de significações". Tal afirmação dialoga com o que é proposto por Petit "as sociedades ocidentais tratam a língua nessa ideologia da comunicação que induz a uma representação da língua como um simples comércio de informações" (2008, p. 116).

### **2.3 O papel do leitor na construção de sentido**

O modo como um texto será lido, compreendido e interpretado, não deveria ser controlado, prática comum nas escolas. Ao escolher trechos de livros para serem lidos e fichas para serem preenchidas com tópicos pré-definidos e determinados, direcionando a leitura para responder às questões, aniquila-se a pluralidade de sentidos gerados pelo texto literário, bem como a possibilidade de novas descobertas. O leitor precisa ter liberdade de ação

sobre o texto justamente para que possa haver diálogo entre eles e à possibilidade de um trabalho produtivo, visto o leitor não se constituir em um ser passivo. Reescrevendo, alterando o sentido do que lê, o indivíduo é transformado pelo texto literário. Trata-se de um movimento dialético em que o leitor, na verdade, não sabe para onde será levado.

Michel de Certeau assim evoca a liberdade do leitor (apud PETIT, 2008, p.27): “os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram”. E apresenta “a atividade silenciosa, transgressora, irônica ou poética, de leitores (ou de telespectadores) que conservam uma reserva de distância na intimidade, sem que os ‘amos’ o saibam”.

Didier Anzieu ilustra a transformação ocorrida no diálogo entre o leitor e o texto:

Uma obra não trabalha o leitor – no sentido do trabalho psíquico – se ela lhe dá somente o prazer do momento, se ele fala dela como de um feliz acaso, agradável, mas sem futuro. O leitor que começa a ser trabalhado pela obra estabelece com ela uma espécie de ligação. Mesmo durante as interrupções de sua leitura, ao se preparar para retomá-la, ele se entrega a devaneios, tem sua fantasia estimulada e insere fragmentos dela entre as passagens do livro. Sua leitura é um misto, um híbrido, um enxerto de sua própria atividade de fantasmática sobre os produtos da atividade de fantasmática do autor. (apud PETIT, 2009, p. 29)

Escritor e leitor constroem-se um ao outro: o leitor desloca a obra do escritor, e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser. Ler permite ao leitor, muitas vezes, decifrar sua própria experiência:

É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. Os escritores nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças a suas histórias, escrevemos a nossa, por entre as linhas. (PETIT, 2008, p.38)

Quando as crianças e jovens se familiarizam com os “jogos” da linguagem que estão presentes nos textos literários, eles se tornam cidadãos mais ativos, mais críticos e mais autônomos. “Nenhuma leitura é de todo subjetiva ou autossuficiente: geralmente a leitura se apoia em regras não

criadas pelo autor, mas mobilizadas por ele, mas não para deter-se nelas” (BAJOUR, 2012, p. 18). Petit adverte-nos acerca da literatura de boa qualidade:

Quando uma obra oferece uma metáfora, quando permite um deslocamento, quando “trabalha” realmente o leitor, ele pode ser transformado por ela e, nas entrelinhas, encontrar sua fantasia inventiva, se deixar levar pela imaginação, e pensar. (2008, p. 185)

Como sabemos, a obra literária possui uma linguagem poética que promove a sensibilização do sujeito e possibilita sua transformação. Por isso, a qualidade do objeto ser importante, o que é garantido em razão de suas várias camadas significativas, do seu caráter polissêmico. O escritor busca, assim, a criatividade com o objetivo de ampliar o significado para que as palavras possam adquirir novas significações a cada leitura. Antoine Compagnon (2012) afirma que a literatura é a arte com as palavras, a qual nos leva a muitas reflexões.

Para preencher as lacunas deixadas pelo autor, que são pré-determinadas ou pré-definidas por ele, o leitor precisa utilizar o seu repertório linguístico e literário, além do conhecimento social, cultural e histórico. É um movimento dialético, de modo que a obra de arte só existe quando é concretizada pela leitura, visto que o conteúdo está dentro do leitor, que se reconhece e faz a leitura de si mesmo. É a experiência do leitor que surge no momento da leitura, possibilitando que cada leitura tenha um significado.

Em *A leitura do intervalo* (1990), Barbosa ressalta que o leitor quando lê uma obra e se sente realizado, a distância entre o mais e o menos é preenchida pela tensão que se instaura entre o que diz a obra e o que o leitor é capaz de dizer após a leitura. Desta forma, literatura é o trabalho com os significantes responsáveis pela criação da multiplicidade de significado que tecem a tensão que envolve e desafia o leitor. "É esta tensão entre a obra e o leitor que cria os múltiplos significados que levam a ler na literatura mais do que apenas literatura" (1990, p.15).

Diante de tamanha importância da literatura, a escola tem o papel de ensinar os alunos a criar relações inusitadas, a serem críticos. Em outras palavras, necessita oferecer os parâmetros para os alunos lerem o objeto criticamente, trabalhando a percepção do sujeito. Trata-se de um processo

lento, mas que se revela como a única forma de transformar o sujeito e este, por sua vez, poder atuar de uma maneira consciente e crítica na sociedade.

Não é com esta realidade, entretanto, que nos deparamos no contexto educacional atual. Conforme mencionado anteriormente, a tradição historiográfica no ensino da literatura no Brasil teve início no século XIX e continua até os dias de hoje. Ela se caracteriza pela substituição do texto literário por fragmentos de textos, por informações bibliográficas dos autores, por marcos históricos e periodismo literário como objeto de avaliações. É um modelo educacional enciclopédico, que afasta os leitores e, por sua vez, dificulta a formação de leitores literários. Dificilmente as obras canônicas são lidas na escola na íntegra, retirando a oportunidade do sujeito de se apropriar da cultura que lhe pertence e a ela dar continuidade.

No livro *Por que ler os clássicos*, Calvino recomenda a leitura direta dos textos originais pelos leitores, evitando, o quanto for possível, a bibliografia crítica, os comentários e interpretações da obra. Assegura também a necessidade de a escola e a universidade mostrarem que “nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão, mas fazem de tudo para que se acredite no contrário”.

Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele. (CALVINO, 1993, p.12)

Em relação ao papel da escola como o gatilho necessário na formação do leitor, Calvino afirma (1993, p. 13):

A escola deve fazer com que você conheça bem ou mal certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. É só nas leituras desinteressadas que pode acontecer deparar-se com aquele que se torna o “seu” livro.

Segundo o professor Dr.Fernando Segolin,<sup>1</sup> “a importância de ler para as crianças desde cedo é fundamental para criar repertórios, estimular as diferentes relações e promover a entrada da criança gradativamente no mundo subterrâneo da palavra”. Em se tratando de repertório, Barbosa (2003, p.22)

---

<sup>1</sup> Em encontro de orientação no dia 02/ 04/ 2014<sup>1</sup>

afirma que “é preciso ter um estoque mínimo, um repertório mínimo, para que seja possível identificar a importância de uma obra ou de um texto literário”.

Ainda de acordo com Segolin, a significação, que difere do significado literal da palavra, é o significado em processo de movimento, de ação. A leitura do texto literário coloca o sujeito no processo de significação e, quando ele se sente participante do processo, começa a gostar de ler. Ele deixa de ser um leitor passivo, para se tornar um leitor criador e ativo, podendo ser denominado de cocriador, ou leitor recriador, pois o texto é por ele incorporado; o leitor assume o texto do outro como seu. Sendo assim, a leitura não é informativa, porque exige incorporação do texto pelo leitor. Essa participação criadora, humaniza, forma e educa o ser humano que, conseqüentemente, irá atuar na sociedade de uma maneira ativa, abominando a passividade. A literatura, portanto, prega uma revolução porque exige do leitor uma tomada de decisão que utilizará no seu dia a dia.

Para Segolin, a transgressão nos leva ao prazer – gesto libertador, que ultrapassa os limites. O prazer está no risco, na aventura e não no alvo. O alvo a seguir seria o próprio processo que começa na escola e continua na vida. O voo é o que importa. Devemos ensinar os alunos a voar e a viver com prazer.

Outro ponto importante para a apreciação e o entendimento da linguagem literária pelo leitor é o problema da intencionalidade na literatura, que pode ser desmembrado em: intencionalidade do autor e do texto. Em relação à primeira, muitas vezes, o próprio autor espanta-se com sua produção, uma vez que os elementos do inconsciente têm uma participação ativa no processo de criação. No que concerne à intencionalidade do texto, é o próprio processo de composição, a intenção de fazer, que determina a obra e não o eu do autor. Dessa maneira, a intencionalidade do texto, o trabalho com a linguagem, não estão, a todo momento ao nível de consciência do autor.

Quando realiza a obra, o escritor transforma a linguagem literária, capaz de condensar essa fragmentação e fazer de tal forma que possamos ler como se fosse algo inteiro aquilo que a realidade nos dá como estilhaços. O escritor vive desta vontade de percepção e recriação dos elementos quase que indecifráveis que a realidade lhe oferece. (BARBOSA, 2003, p. 25)



A escola precisa ajudar a tornar esses elementos legíveis para que os alunos possam distingui-los, discriminá-los, avaliá-los no processo de leitura. É preciso mostrar ao discente que a arte, em geral, e a literatura, em particular, é um jogo que contém elementos lúdicos fundamentais. É preciso evidenciar que os autores brincam com as palavras, transformam os significantes e não apenas transmitem significados. O escritor trabalha com a linguagem, estabelece níveis de significantes que serão importantes depois para obter outros significados, e é isso, justamente, que vai determinar a longevidade da obra.

Na maioria das vezes, entretanto, não é desta forma que a escola trabalha com os significantes, pois está mais preocupada com a transmissão dos significados, assumindo, frequentemente, posturas moralistas e autoritárias, e deixando de pensar a literatura como jogo, criação, capaz de humanizar, de levar o sujeito a sonhar e imaginar. Segundo Perrone-Moisés,

O texto não é uma representação do contexto ou uma vestimenta da mensagem, mas o lugar onde se experimentam novas formas de dizer, de ver, sugestivas de novas formas de ser. E que só no encontro dessas novas formas a literatura alcança sua função mais plena e sua ação mais efetiva. (1990, p.89)

É ainda a mesma autora que assegura a necessidade de considerar o trabalho do significante como único trabalho especificamente literário, haja vista que ele cria o significado, em uma homologia com os referentes, em uma relação complexa e ambígua com o real, ao mesmo tempo afirmado e destruído pela palavra.

A literatura propicia, assim, a educação dos sentidos do sujeito a fim de que ele aprenda a pensar, a questionar o real, para que se torne crítico.

A palavra não presentifica as coisas, ela as torna irremediavelmente ausentes. Mas, nessa ausência, pode-se ler o desejo de uma outra realidade, desejo suficientemente forte para repercutir num real insatisfatório e, indiretamente, colaborar para sua transformação. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.90)

Barbosa (2003, p.64) discorre sobre a interação dinâmica entre texto e leitor, possibilitada pela consciência incrustada por níveis de composição dos textos.

Transformado pelo poeta, o leitor faz da experiência de leitura um processo de concretização daquilo que, no poema, era abstração da linguagem. Entre a experiência do poeta (que Valéry chama “estado poético”), que tende à abstração por força da linguagem que a realiza, e a experiência de leitura, que força a concretização, o leitor e o texto interagem entre sons e sentidos que se fazem e refazem de modo ininterrupto.

Dessa maneira, não se trata de um uso abstrato da linguagem, mas da criação de um espaço – o espaço poético – em que a reordenação dos valores da linguagem implica a criação de “uma linguagem dentro da linguagem.”

Atento para os intervalos da composição, entre o concreto da experiência, que a enforma, e à abstração da linguagem, que, ao mesmo tempo, limita e amplia a expressão dela, o leitor interage novamente com o texto na medida em que não apenas lê decifrando, mas desconstrói o cifrado pelo movimento de releitura. (BARBOSA, 2003, p. 17)

A leitura exige do leitor tanto a experiência do texto que está sendo lido mediado pelo professor, como a convivência com a própria linguagem literária. A experiência estética, segundo Lima,

Consiste no prazer originado da oscilação entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente do objeto, aproximando-se de si. Distancia-se de si, de sua cotidianidade, para estar no outro, mas não habita o outro, como na experiência mística, pois o vê a partir de si. (2002, p.46)

O discurso estético traz um germe questionador. De acordo com Lima (2002, p.47), “o realce oposto do questionamento dos valores do leitor, que a obra provocaria, nos levará a exaltar a sublimidade da literatura, como via privilegiada para a aprendizagem da criticidade”.

A linguagem literária, “linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”, conforme define Pound (apud PERRONE-MOISÉS, 1998, p.145), permite o conhecimento do mundo e o autoconhecimento, o que implica, indubitavelmente, no contexto social. Eliot refere-se especificamente à influência da poesia, mas suas considerações podem ser estendidas à literatura como um todo:

A influência da poesia [...] é muito difusa, muito indireta e muito difícil de provar [Mas...] ela está presente em toda parte. Pelo menos a encontraremos se a cultura nacional estiver viva e saudável, porque numa sociedade saudável há uma contínua e recíproca influência e interação de cada parte sobre as outras. E isso é o que eu considero a função social da poesia, no sentido mais largo: que ela afeta, na proporção de sua excelência e vigor, a fala e a sensibilidade da nação como um todo. (ELIOT apud PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 165)

Fica evidente a relevância e a influência que as obras literárias podem exercer no sujeito e na sociedade de uma maneira positiva, auxiliando no processo de renovação da cultura e na oxigenação de ideias e reflexões necessárias para que a sociedade se mantenha viva e ativa. Octavio Paz compartilha dessa crença: “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo” (apud PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 165).

É importante lembrar que, embora a literatura, assim como as artes de uma maneira geral, não seja produzida com uma finalidade específica, na interação com o sujeito, acaba por exercer vários papéis. Entretanto, é evidente que se ela for produzida para um determinado objetivo, ela deixa de ser literatura, ou obra de arte, visto impedir a pluralidade de sentidos.

Vários são os escritores que consideram a obra literária como tendo fim nela mesma, ou seja, sua função poética, os quais nos são apresentados por Perrone-Moisés (1998). Entretanto, mesmo defendendo a função poética, eles veem, lateralmente, uma “utilidade” da arte. Para Pound (1998), a finalidade da arte é a de manter a linguagem em boa forma para uso da nação. Eliot concebe a utilidade da literatura na preservação do idioma e na transmissão de valores morais e civilizatórios. Borges vê na literatura sua função de ampliar nossa percepção do mundo, de afinar a fruição psicológica do leitor. Alguns, com concepções de uma teleologia hegeliana marxista, enxergam na obra seu valor político “revolucionário”, de uma forma indireta. Sollers aliava diretamente transgressão poética e subversão política. Butor, em sua fase romanesca, afirmava que modificar o mundo, na ficção, leva o leitor a desejar modificações no mundo real, com o objetivo de torná-lo cada vez melhor. Em *L'utilité poétique* (1995), ele reafirma: “A linguagem bancária é hoje uma espécie de câncer, de vírus. Precisamos achar anticorpos, vacinas. É a poesia que no-los

fornece". (p.102); "Precisamos de um novo estado das letras e das línguas para chegar a uma verdadeira melhora de nossos problemas econômicos e políticos" ( p.126).

Nos dias atuais, o que mais ouvimos são discursos sobre a importância da leitura na vida do sujeito. Mas, cada vez mais, o discurso está distante da realidade, pois as obras que poderiam fundamentar essa prática não são lidas e problematizadas, deixando um vácuo enorme na formação desses indivíduos.

O professor, como mediador, e a escola, como instituição responsável por formar o sujeito, precisam oferecer oportunidades ao aluno de encontrar-se com as obras literárias para aprender a conhecê-las, apreciá-las e poder desfrutar de todos os sentidos possíveis existentes nos textos literários. Segundo Colomer (2003), cabe à escola organizar e sistematizar a percepção dos alunos com o objetivo de levá-los a níveis sofisticados de leitura, elaborando atividades significativas, dando oportunidade de conhecerem autores contemporâneos e os consagrados pelo cânone, assim como autores e obras de diferentes gêneros e culturas.

Segundo o *Programa Ler e Escrever* (2014), a escola necessita desenvolver e propiciar a formação do leitor, conhecer modalidades didáticas de leitura adequadas para o desenvolvimento de cada tipo de conteúdo com o objetivo de reconhecer que uma leitura colaborativa é uma modalidade fundamental para que sejam trabalhadas as capacidades relacionadas ao processo de leitura, possibilitando a criação de um espaço de socialização de estratégias utilizadas para a reconstrução dos sentidos do texto. Em segundo lugar, saber que a roda de leitores é a situação mais adequada ao aprendizado e desenvolvimento de comportamentos leitores. Em terceiro, ter clareza que a prática tradicional de leitura silenciosa com perguntas para serem respondidas por escrito não ensina a ler, mas apenas investiga o que já se aprendeu a ler. Em quarto lugar, saber que a leitura em voz alta só é importante nas situações de leitura em que é imprescindível. Em quinto, ter conhecimento de que é preciso ensinar os alunos a lerem obras mais extensas e que a modalidade mais adequada para isso é a leitura programada. E por último, saber que se pode aprender sobre leitura antes mesmo de se saber ler e que uma das

modalidades adequadas para tanto pode ser a leitura em voz alta feita pelo professor.

Todas essas modalidades estão interligadas, portanto, o trabalho com elas de uma forma sistemática e simultânea é imprescindível para alcançar a qualidade no processo de leitura.

O Programa afirma ainda que o desenvolvimento das capacidades de ler e escrever não são processos que se encerram quando o aluno domina o sistema de escrita. Ele se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas que envolvem a língua escrita, o que se traduz na sua competência de ler e produzir textos dos mais variados gêneros. Quanto mais acesso à cultura escrita, mais possibilidades de construção de conhecimentos sobre a língua.

## CAPÍTULO III

### O papel do mediador no processo de formação do leitor literário

Precisamos de Histórias, de poemas e de toda a literatura possível na escola, não para sublinhar ideias principais, mas para favorecer uma educação sentimental. Não para identificar a moral da história, ensinamentos e valores, mas para empreendermos essa antiga tarefa do conhece-te a ti mesmo e conheça os demais. (Yolanda Reyes)

#### 3.1 A escola e a leitura

Várias perguntas poderiam ser feitas em relação à atual situação da leitura no Brasil para que possamos entender melhor a nossa realidade: Os projetos de leitura são realmente realizados em grande escala? Existe uma política de cobrança para que os projetos existentes sejam colocados em prática? A família, os professores, os técnicos em educação, a sociedade como um todo, sabem da importância da leitura e do texto literário para a vida do sujeito, e o impacto positivo que isso pode causar na sociedade?

Deparamo-nos, atualmente, com uma situação controversa nas escolas. Apesar de a importância das práticas de leitura do texto literário na formação do leitor e do leitor literário ser amplamente conhecida, as práticas efetivamente realizadas no ambiente escolar não propiciam o desenvolvimento desse leitor.

Conforme anteriormente discutido neste estudo, um dos principais papéis da escola é o de garantir a inserção do aluno na cultura letrada, a fim de que possa exercer e se beneficiar dos deveres e direitos como cidadão. Não é essa oferta, entretanto, de modo geral, que observamos no dia a dia escolar.

Minha experiência como professora efetiva do Ensino Fundamental I, da Rede Pública Estadual de São Paulo, desde 2006, tem mostrado o quanto estamos distantes do objetivo de formar leitores, pois o prazer e o hábito da leitura não são cultivados na grande maioria dos alunos. A ênfase da educação, infelizmente, encontra-se na transmissão de conteúdo. Segundo Dios (2000), o modelo de Educação Brasileiro enfatiza o conhecimento quantitativo, o saber acrítico e a memorização. Em geral, os professores de

escolas estaduais não se veem como produtores de conhecimento e, sim, como meros consumidores do que foi produzido por diferentes pensadores.

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, apenas um pequeno número de alunos continua lendo após o término do ensino médio. Isso nos permite afirmar que a escola não tem conseguido formar leitores, o que pode ser justificado por diversos motivos. Um deles seria a falta de um trabalho sistemático com a leitura, buscando a aquisição do prazer e hábito da leitura através de diferentes práticas que deveriam fazer parte do currículo escolar e, conseqüentemente, ser praticado por todos.

Como pedagoga e professora, tenho desenvolvido, aprimorado e exercitado, com meus alunos, diferentes práticas de leitura advindas de minha experiência em sala de aula, com resultados concretos e sucesso no processo de formação de leitores. Minha experiência permite crer que o objetivo do Ensino Fundamental I (1º ano ao 5º ano) deveria centrar-se no desenvolvimento do prazer e do hábito da leitura nos alunos, repertoriando-os com diferentes obras, autores e gêneros, para que, no Ensino Fundamental II (6º ano ao 9º ano) e Médio, pudesse ser desenvolvido um trabalho ainda mais aprofundado com os textos literários.

Para que isso possa ocorrer, entretanto, o aluno necessita ser exposto, ser aproximado das obras, por meio da leitura dos textos integrais desde os anos iniciais, leituras essas feitas tanto pelo professor quanto pela família.

Encontramos no momento, no Brasil, trabalhos sendo desenvolvidos na área de leitura, com bons resultados, mas que não atingem a todos. O que acaba prevalecendo, desta forma, são as iniciativas isoladas de profissionais competentes que desempenham muito bem o papel de mediadores na formação do leitor, haja vista sabermos da importância que isso acarreta na vida do sujeito.

O maior desafio parece estar em fazer com que a maioria da sociedade perceba a importância da leitura e, em especial, da leitura do texto literário para o desenvolvimento pleno do sujeito e, portanto, do cidadão que possa exercer a cidadania de maneira saudável e plena. Conseqüentemente, teríamos uma maior preocupação com a formação do professor na área da leitura, elemento imprescindível no processo de formação de leitores. Acreditamos que se a formação do professor tivesse como objetivo o desenvolvimento da criatividade

e a conscientização de sua dimensão humana, seria possível à escola atender às necessidades fundamentais para a preparação de leitores críticos e criativos por meio dos textos literários.

Da mesma forma, se o senso crítico, a reflexão e a autonomia do indivíduo fossem considerados fundamentais para a sua formação, a leitura do texto literário certamente estaria presente no cotidiano escolar e ocuparia um lugar de destaque no currículo.

Neste viés, o objetivo principal da educação deveria ser o de trabalhar a percepção do sujeito, de educar os sentidos, o que poderia ser feito por meio do texto literário, visto que, conforme já discutimos, este trabalho contribui decisivamente para tornar o indivíduo em um ser crítico, criativo e ativo. Esse processo inicia-se, por sua vez, com o desenvolvimento da autonomia do aluno, o que pode ser feito por meio das escolhas de obras, passo importante para que possa continuar fazendo escolhas na vida. O professor necessita motivar o encanto da leitura no aluno, aproximá-lo das obras, para que possa apreciá-las, entendê-las e produzir sentido a partir do diálogo que ele faz com o texto. A partir do desenvolvimento desta autonomia, o indivíduo continuará praticando a leitura mesmo quando finalizar seu período de formação escolar. Assim, se a escola conseguir atingir esse objetivo, será responsável por formar o sujeito leitor que, por sua vez, poderá influenciar na formação de outros leitores, dando sequência a um processo de formação contínua que acabará fazendo parte do dia a dia da escola e da família. Fica evidente, aqui, a importância do papel do professor-mediador desde os anos iniciais e durante a vida escolar do sujeito para que posteriormente, ele ganhe autonomia.

Outra prática imprescindível em nosso contexto é a aproximação da Academia do dia a dia da sala de aula, para que aquilo que é produzido nas universidades possa realmente ser utilizado no cotidiano escolar, bem como fazer parte do currículo nacional do curso de Pedagogia e Letras, auxiliando a formação dos professores na área da leitura. Além disso, é preciso incentivar o papel das bibliotecas e bibliotecários na promoção da leitura e da escrita como práticas fundamentais para a inclusão social. Nesse aspecto, o papel da família também precisa ser resgatado como um dos fatores mais importantes na formação do sujeito cidadão bem como na formação do leitor.



De acordo com o *Programa Ler e Escrever*, a ação do professor é primordial no processo de formação do leitor. Cabe a ele considerar as crianças como seres únicos, provenientes de diferentes famílias, com necessidades e jeitos próprios de se desenvolverem e aprenderem. Pressupõe-se, para isso, um profissional flexível, observador, capaz de ter empatia com os alunos e suas famílias, além dos conhecimentos didáticos imprescindíveis a uma boa atuação pedagógica. Além disso, é necessário incluir as famílias como parceiras da ação educativa, o que significa ir além de respeitar a diversidade, ou seja, considerá-las competentes e interlocutoras em diferentes situações de aprendizagem propostas para as crianças.

Essas considerações são importantes e, ao longo do capítulo, serão aprofundadas, ao lado de sugestões de práticas de leitura desenvolvidas em meu exercício em sala de aula. Tais práticas de leitura, que estão interligadas como poderemos observar, exercem influência constante e direta uma sobre as outras, em um movimento dialético de sustentação e alimentação para que o trabalho flua de forma produtiva e acarrete mudanças no comportamento dos alunos tanto em relação à leitura quanto ao comportamento ético e cidadão. É válido aqui salientar, neste aspecto, a importância da prática e teoria estarem sempre em constante diálogo, bem como a necessidade de um contexto em que predomine o processo de reflexão constante por parte de todos os envolvidos no trabalho de formação do leitor.

### **3.2 Papel do professor-mediador na formação do leitor literário**

Se as práticas apresentadas anteriormente, as quais dialogam com o *Programa Ler e Escrever*, contribuem para a formação do leitor literário, outras ainda podem ser desenvolvidas pelo professor-mediador, o qual, neste aspecto, contribuirá decisivamente com a formação do aluno-leitor. Trata-se de práticas como: acervo de livros construído pelo professor e pelos alunos na sala de aula; leitura realizada pelos alunos diariamente em sala de aula; leitura diária dos pais; trabalho desenvolvido com os pais sobre a importância da leitura e dos programas culturais e acerca da relevância da leitura diária feita em casa.

Tais práticas estão inter-relacionadas e necessitam da presença do professor como mediador para serem realizadas sistematicamente. É neste aspecto que se faz necessário desenvolver um trabalho com os professores durante a formação inicial e continuada na área da leitura e da literatura a fim de que se apropriem da importância delas e aprendam a trabalhar com as práticas de leitura com o objetivo de formar cidadãos leitores. Segundo Dios (2000), os alunos são considerados culpados pela falta do hábito de leitura, mas, muitas vezes, o maior problema está na formação dos professores para lidarem com os problemas culturais, sociais e pedagógicos surgidos em sala de aula. Conforme Machado, "diferentes livros lidos cedo, na infância, ou adolescência, passam a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi" (2002, p. 11).

Neste sentido, é imprescindível que o professor seja um leitor, a fim de que possa incentivar e promover o comportamento leitor em seu aluno. Em se tratando da importância da formação do professor, Dios afirma:

as universidades não privilegiam a teoria – no sentido de reflexão crítica sobre a práxis – como assunto central. A separação hierárquica entre professores e acadêmicos indica uma divisão sociopolítica entre fazedores e pensadores... como se tal separação fosse possível. Estudantes de letras não tem voz ativa na organização do saber. Como docentes, não serão críticos. (DIOS, 2000, p.198)

É ainda a mesma autora que enfatiza a importância da conscientização dos futuros professores de literatura "que educar é uma instituição política, ou seja, compromisso com a produção de um conhecimento que possa contribuir para uma sociedade menos desigual" (p. 44).

Sensibilizar o professor e a todos que trabalham na escola para que o trabalho iniciado por um professor continue no ano seguinte é primordial. Por conta disso, a direção da escola necessita também ter uma boa formação na área da leitura, para, assim, poder orientar e cobrar a sua equipe com o propósito de manter a continuidade do trabalho durante a vida escolar do aluno. Para que isso possa ocorrer, pontua-se a necessidade da troca de experiência entre os professores e entre eles e a direção da escola sobre o

trabalho desenvolvido. Segundo Bajour (p.74), "seria desejável que as próprias instituições educacionais abrissem tempos e espaços para que os escritos e as experiências dos professores circulassem, fossem discutidos e se difundissem".

Outro fator relevante para a leitura do texto literário é o vínculo adequado entre professor e aluno. Segundo Candido, no prefácio da obra *Literatura/ Ensino: uma problemática*, de Maria Thereza Fraga Rocco:

E talvez seja mesmo o elemento básico, cuja falta pode comprometer a formação da sensibilidade e a transmissão viva do conhecimento, isto é, a que promove uma incorporação real a personalidade. Sem esse vínculo pouco se obtém, por mais corretos que sejam os métodos e por mais sólidas que sejam as concepções. Para além dos métodos está a possibilidade de tornar atuante esta relação criadora, porque a literatura funciona de maneira algo misteriosa e indefinível, acima dos propósitos do educador e muito além da consciência do educando. (1981, xiii)

É válido ressaltar a importância de algumas atitudes do professor, as quais influenciam tanto no aprendizado de uma maneira geral quanto na formação do sujeito, e que colaboram também para a formação do leitor. Atitude de acolhimento dos alunos e das famílias para que se sintam pertencentes ao ambiente escolar; atitude de respeito e educação mútua; trabalho contínuo com o desenvolvimento da autoestima e ter altas expectativas, são algumas delas. Segundo Bajour,

Acreditar que os leitores podem lidar com textos que os deixem inquietos ou em estado de interrogação é uma maneira de apostar nas aprendizagens sobre a ambiguidade e a polissemia na arte e na vida. Nem todos os silêncios precisam ser preenchidos, menos ainda aqueles que constituem o modo de ser de gêneros como o fantástico, o humor absurdo e a poesia. (2012, p.35)

Primordialmente, está a contribuição para que os alunos sejam sujeitos do processo de ensino-aprendizado, permitindo "que o educando vá sendo o artífice de sua formação" (FREIRE, 1996, p.70). Portanto, possuir uma postura dialógica, aberta, curiosa e indagadora apresenta-se como uma condição de extrema importância. Tal postura é defendida também por Bajour, para quem a concepção dialógica da escuta faz parte de todo ato de leitura em que se busque abrir significados e expandi-los de modo cooperativo sem precisar

concluí-los. É a mesma autora quem ressalta as palavras dos mediadores em suas conclusões avaliativas sobre o trabalho realizado com o projeto de leitura:

a escuta é, antes de tudo, uma prática que se aprende, que se constrói, que se conquista, que demanda tempo. Não é um dom ou talento, tão pouco uma técnica que se resume em seguir certos procedimentos para escutar com eficácia. É fundamentalmente uma atitude ideológica que parte do compromisso com os leitores e com os textos e do lugar conferido a todos aqueles que participam da experiência de ler. (2012, p. 45)

Além desses fatores relevantes, o professor precisa estar ciente do fato de que "ensinar exige reflexão crítica sobre a prática", e que se caracteriza por um "movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 1996, p. 38). Freire ressalta que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção. No processo de aprender, o professor precisa deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente que pode torná-lo criador. "Não há criatividade sem curiosidade" e, ainda de acordo com Freire, "o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática" (1996, p. 39).

Corroborando com as ideias de Freire, Dios (2000, p.151) assegura a necessidade de desenvolver um trabalho com os alunos para que possam ser agentes de seu aprendizado: "o papel está muito focado no professor como possuidor do conhecimento. Há também uma falta de apreciação do belo das obras, pois a ênfase é dada mais pelo estudo do conteúdo". Faz-se imprescindível, assim, ver o papel do professor como mediador, e não como o detentor das verdades absolutas. Para isso, a mudança de paradigma é fundamental, ou seja, a mudança do ensino conteudista para o ensino focado na reflexão e em uma pedagogia problematizadora. Ensino em que o professor possa aprender com seus alunos, em que o diálogo predomine.

Compagnon também pontua a importância de uma postura humilde por parte do professor diante do conhecimento:

sempre ensinei o que não sabia e tive como pretexto as aulas que eu dava para ler o que ainda não havia lido; e para aprender, enfim, o que eu ignorava. Depois, refazia-me pensando que o impostor seria o professor seguro de si, aquele que saberia antes de pesquisar. (2009, p.11)

Faz-se premente o professor receber uma educação em que seja trabalhado o senso crítico, a reflexão, o diálogo, a fim de que se perceba que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção, no intuito de trabalhar com seus alunos de forma a construir juntos o conhecimento significativo.

De acordo com Petit (2008), é fundamental o papel do professor-mediador como iniciador aos livros, ou seja, como o responsável por iniciar a leitura, legitimá-la, revelar um desejo de ler e acompanhar o trajeto do leitor para que possa construir pontes. Os trajetos dos leitores são descontínuos, com interrupções breves ou longas, cabendo, portanto, ao mediador de leitura dar uma oportunidade de o leitor alcançar uma nova etapa. Lembrando, entretanto, o que afirmou Monteiro Lobato, para quem obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura (MACHADO, 2002, p.14).

### **3.3 Importância da biblioteca e do bibliotecário na formação do leitor**

Para Emília Ferreira, a leitura é um direito, não é um luxo nem uma obrigação. É um direito que permite um exercício pleno da democracia (apud, CASTRILLÓN, 2011, p.19). De acordo com essa concepção, Castrillón afirma que "ler" pode ser um meio para melhorar as condições de vida e as possibilidades de ser, de estar e de atuar no mundo. Apesar do contato maior com o aluno ser o do professor, em seu dia a dia na sala de aula, é importante ressaltar que outros coadjuvantes também podem contribuir decisivamente na formação do leitor literário. Um deles é, sem dúvida, a biblioteca. Faz-se necessário ampliar o acesso à leitura e à escrita também por meio das bibliotecas, pois são elas "os meios para a democratização do acesso, desde que se façam algumas transformações" (2011, p.22).

A biblioteca pública possui uma responsabilidade social que vai além do apoio ao sistema escolar, da oferta de atividades recreativas e do acesso à informação. De acordo com Castrillón (p.36), tornam-se essenciais bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertam em meios contra a exclusão social, propiciando espaços para encontros e debates, que provoquem, de fato, a

reflexão crítica e o questionamento. Isso, certamente, contribui para a formação cívica e cidadã – constituindo sujeitos autônomos, capazes de agir no mundo, com acesso à informação –, bem como para fomentar o interesse e o gosto pela leitura, que permitem a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o reconhecimento do outro. Um lugar em que a leitura, segundo palavras de Pierre Bourdieu, permita "o pensamento pensante", "o pensamento lento", contra o *fast thinking* imposto pelos meios de comunicação de massa (2011, p.38).

É necessário que haja uma parceria entre a escola e a biblioteca para iniciar a criança nesse espaço público. Segundo Petit, é preciso "permitir a cada um o acesso a seus direitos culturais, o acesso a um universo cultural mais amplo" (2008, p. 177), visto que:

o imaginário não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, se desenvolve se enriquece, se trabalha, ao longo dos encontros. Quando se viveu sempre em um mesmo universo de horizontes estreitos, é difícil imaginar que exista outra coisa, imaginar que se tenha o direito de almejar isso. Além do mais, quando se viveu nesse estreito registro de referência para pensar a relação com o que nos rodeia, a novidade pode ser vista como perigosa, como uma invasão, uma intrusão. (2008, p.179)

Para Petit, a relevância dessa relação centra-se em permitir ao usuário da biblioteca construir sua autonomia, ou seja, fazer escolhas, descobrir o gosto pela descoberta e desenvolver a capacidade de se autoinstruir. É a mesma autora que ressalta que a descoberta de si e a descoberta do mundo caminham juntas.

A biblioteca precisa fazer parte da comunidade onde está inserida de uma maneira viva, latejante, constituindo-se em um espaço no qual as pessoas possam participar dela, dialogar com ela. Onde a leitura aconteça de forma real e significativa, ou seja, um espaço capaz de proporcionar o contato com o texto, para que seja lido, conhecido e apreciado. De acordo com Castrillón (2011), "Biblioteca e bibliotecários possuem uma responsabilidade política na promoção da leitura e da escrita como práticas culturais fundamentais para a inclusão social".

Dessa maneira, percebe-se a importância do papel do bibliotecário nessa jornada como mediador que oferecerá ao leitor a oportunidade de encontros significativos com o texto literário. Bibliotecário que seja capaz de assumir um compromisso ético, político e social; que seja leitor, crítico e reflexivo; que saiba fazer uso da escrita; que seja curioso em busca de mudanças e soluções; bem informado e, segundo Paulo Freire, ético, "capaz de comparar, de avaliar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper" (apud CASTRILLÓN, 2011, p. 48).

Em muitas escolas e bibliotecas os bibliotecários são gestores de experiências culturais relacionadas a leitura que tem efeitos marcantes na formação literária e artística dos alunos. Toda tarefa realizada pelo bibliotecário ou professor responsável pela biblioteca, inclusive a promoção da leitura, está permeada pelo ensino. Este é o traço que distingue as bibliotecas escolares de outras bibliotecas. (BAJOUR, 2012, p.84)

### **3.4 Sugestões de práticas de leitura**

Como educadora e professora-mediadora, reconheço e valorizo a importância das práticas de leitura para a formação do leitor, do leitor literário e do cidadão e a importância delas serem trabalhadas de forma sistemática durante todo o Ensino Fundamental I pelos professores, com o apoio da família. Por conta disso, além das práticas propostas pelo *Programa Ler e Escrever*, desenvolvo e coloco em prática outras que dialogam com as propostas do Programa e que serão explicitadas a seguir. Ressaltamos que se tratam de sugestões que podem contribuir na formação do leitor literário.

#### **3.4.1 Leitura em sala de aula**

Temos um combinado em sala de aula que consiste em os alunos possuir autonomia para escolherem os livros durante os horários livres, tanto do acervo da classe (composto pelos livros trazidos pelas crianças e por mim), quanto os livros disponibilizados pela escola, que permanecem na sala durante o ano. Há uma diversidade considerável de gêneros, autores e histórias. Portanto, toda vez que um aluno tiver finalizado uma atividade, ele tem liberdade, autonomia e oportunidade de ler, tanto no canto da leitura como na

sua carteira. O importante é respeitar os colegas que ainda estão trabalhando na atividade proposta.

No início do ano, por não estarem acostumados com a proposta, fazem barulho, andam pela classe, conversam com os colegas, enfim, não sabem usar esse tipo de liberdade de uma maneira adequada. Com o decorrer do tempo, juntamente com minhas intervenções, começam a entender a proposta, mudam de atitude e percebem esse espaço como um momento importante de acesso à leitura. Entretanto, é muito difícil permanecerem totalmente em silêncio. Dessa maneira, utilizo esta oportunidade para ressaltar a importância de respeitarem as regras necessárias para o convívio social.

Observo, na maioria das crianças, o prazer que sentem no ato da leitura e o quanto valorizam o momento. É muito comum observá-los, logo cedo, após terem organizado o material na carteira, escolherem livros para serem lidos enquanto aguardam o início da aula. É satisfatório vê-los lendo com prazer, entretidos com a história, como se o tempo tivesse parado. Conforme Petit, (2009, p. 290):

a leitura é uma atividade maior do que ler livros (...) é se sentir desconcertado ante o mundo, procurar signos e construir sentidos. Para ler dessa maneira, com essa intensidade, é fundamental poder estar desocupado, disponível, não temer o vazio. E quando a programação da vida é muito rigorosa, parece que não há fissura ou lugar onde se sentir desconcertado, perplexo, questionador, inquieto por tudo o que nos cerca.

Portanto, durante todas as manhãs, proporciono aos alunos momentos de introspecção para que possam usufruir do vasto mundo da leitura, respeitando seu ritmo e suas escolhas. Dessa maneira,

a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um momento pomposo, mas algo que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar a disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. (PETIT, 2009, p. 289)

Esse momento também permite aos alunos conhecer a variedade de obras, o que é visto como algo pertinente por Machado, para quem:



se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros... terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente, depois, no final da adolescência. (2002, p.13)

Esse procedimento propicia aos alunos a oportunidade de usufruírem do acervo da sala de aula, assim como aprenderem atitudes importantes para o convívio social.

### **3.4.2 Acervo da sala de aula**

Organizamos juntos, desde o início do ano, o acervo de livros composto por exemplares trazidos por mim e também por eles. Explico a importância de contribuírem com os livros que já possuem e que poderiam ser socializados com os colegas ao longo do ano. Esclareço que eles serão devolvidos no final do período letivo. Felizmente, algumas crianças doam as obras, contribuindo para manter o acervo sempre com novos títulos e com uma quantidade considerável de obras. Eu mantenho o acervo em funcionamento a cada ano e, para isso, aproveito as obras que foram doadas pelos alunos e as trazidas por mim. Dessa forma, dou continuidade ao trabalho com a nova turma.

Eles gostam de contribuir e, sempre que trazem um novo título, costumo mostrar para os alunos para que conheçam e possam agradecer ao colega. Ressalto a importância de tomarem cuidado com os livros para que permaneçam em bom estado, principalmente por terem sido trazidos pelos colegas. Oriento também para mantê-los sempre organizados. Complemento o acervo com revistas, programação cultural e jornal (Estadinho e Folhinha-suplementos dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo, respectivamente). Nas reuniões de pais, explico sobre o acervo da sala e incentivo que façam o mesmo em casa, criando um acervo com os filhos.

Dessa maneira, temos para uso permanente em sala de aula o acervo e os livros e gibis disponibilizados pela Secretaria da Educação. O material é bastante rico e está organizado de uma maneira que possa ser utilizado pelas crianças durante o período de aula, visto que de nada vale ter o material e não deixá-lo disponível de uma maneira adequada para ser usado diariamente. Além desses materiais, disponibilizo dicionários, atlas e enciclopédias a fim de

que aprendam a usá-los e tenham autonomia de consultá-los quando necessário. Ressalto, novamente, a necessidade e importância de organizar todo esse material de uma maneira que fique acessível para os alunos, para que possam visualizá-los e usá-los.

Esse trabalho proporciona o desenvolvimento do prazer e hábito da leitura, assim como a expansão do repertório linguístico e literário. Eles aprendem a cuidar do material, mantendo a organização que facilitará o processo de escolha da obra. Aprendem também a socializar os livros que compraram ou ganharam, com os colegas, o que demonstra uma atitude de companheirismo, desprendimento e, sobretudo, a compreensão da importância da sua participação no processo da construção do acervo para que todos possam se beneficiar cada vez mais da leitura. O acervo também permite que eles exerçam a autonomia no processo de escolha da obra e que entrem em contato com diferentes autores, obras e histórias.

### **3.4.3 Papel da família na formação do leitor literário**

Para que todo esse trabalho produza resultado, faz-se necessário desenvolver com a família um trabalho de orientação da importância da leitura e da leitura diária do texto literário realizada em casa tanto pelo aluno quanto pelos pais. Além disso, é essencial esclarecer a necessidade de os pais servirem como modelo de leitores a seus filhos, assim como incentivar e elucidar a importância dos programas culturais junto às crianças. Aproveito para conversar sobre esses tópicos nas reuniões de pais, momentos em que esclareço a importância de cada um deles e apresento as orientações.

É preciso desenvolver um trabalho sistemático com a família desde o início do ensino fundamental para que possamos juntos – família e escola – , formar leitores do texto literário. Dessa maneira, o trabalho desenvolvido pela família irá ajudar a cultivar e desenvolver o prazer e hábito da leitura nas crianças iniciado pelo professor-mediador. Segundo Petit (2009, p. 22), “a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina. Vários estudos demonstram que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente”. É ainda a mesma autora que ressalta que:

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras. (...) O que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real. (2008, p. 140)

Petit discorre também sobre a importância da tradição familiar como incentivo à leitura, pois "a maioria dos que leem viu e ouviu alguém ler durante a infância e manteve essa tradição familiar" (p.142). Além disso, a valorização dada ao conhecimento pela família é um fator determinante para a apropriação da leitura.

#### **3.4.4 Roda cultural**

Uma vez por semana, na segunda-feira, fazemos a roda cultural, prática que propicia a socialização dos programas culturais feitos pelas crianças durante o final de semana. Explico logo na primeira semana de aula sobre os programas que podem ser considerados como culturais, para que entendam o objetivo da roda cultural.

A participação é espontânea, portanto, as crianças que quiserem participar socializam com os colegas suas experiências, o que serve de incentivo para que todos conheçam e queiram participar das oportunidades socializadas pelos colegas. Isso contribui para que adquiram novos conhecimentos e que ampliem também o repertório cultural, pois passeios, visita a museus, galerias, exposições, teatro, cinema, viagens, bibliotecas, livrarias, exposições de música e dança contribuem para ampliar a leitura de mundo. Esse conhecimento, por sua vez, ajudará a aprimorar o processo de leitura, beneficiando o desenvolvimento de um cidadão criativo, ativo, reflexivo e crítico, capaz de exercer sua cidadania de uma maneira plena, com deveres e direitos. Incentivo que participem dos diversos programas culturais com a família e compartilho também os programas que faço.

Precisamos ajudá-los a perceber que, como cidadãos, dispõem do direito de participarem desse universo cultural tão rico, que deve ser disponível

a todos. Porém, muitas crianças que frequentam a escola pública não têm acesso aos bens culturais por diversos motivos. Um deles, que é relevante e preocupante, é o fato de acharem que não pertencem a esses espaços públicos e, portanto, não se acham no direito de participarem desse universo. Conforme Candido, "pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo" (1995, p.239).

Portanto, nosso trabalho como educadores é o de incentivar e promover a participação de nossos alunos nesse mundo cultural, no intuito de que possam usufruir e se beneficiar dele. O papel da escola é proporcionar oportunidades para que tanto o aluno quanto a família possam usufruir das criações artísticas, tanto as ditas populares quanto as chamadas eruditas, a fim de que adquiram conhecimento e experiência.

Os educadores têm o poder de desvendar o mundo das artes aos seus alunos, possibilitar que tenham a oportunidade de se humanizarem, para que suas necessidades básicas sejam satisfeitas e para enriquecer sua percepção e visão de mundo. Candido entende que humanização "é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a recepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor" (1995, p.249).

É o mesmo autor quem afirma:

Quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias, e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um. (CANDIDO, 1995, p. 258)

A roda cultural, portanto, é uma oportunidade criada para que haja a socialização dos bens culturais, a fim de que as crianças conheçam e possam começar a frequentá-las com a família. "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as

modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável" (CANDIDO, 1995, p. 263).

É partindo disso que incentivo e esclareço às famílias, durante as reuniões de pais, acerca da importância e dos benefícios dos programas culturais junto aos filhos e da necessidade de ampliar o repertório cultural através da exposição ao mundo das artes (literatura, música, dança, artes plásticas, cinema e teatro).

Da mesma forma, a escola tem um compromisso social de promover o encontro e o acesso do aluno ao mundo das artes, ou seja, aos bens culturais através das aulas e da organização de visitas com o objetivo de incluir os alunos nesse universo e, desta forma, ampliar o seu repertório cultural. Sabe-se da importância da experiência do sujeito para o seu aprendizado e, como afirma Paulo Freire, "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele"(apud Martins, 2000).

#### **3.4.5 Leitura compartilhada dos textos de História, Geografia e Ciências**

Como professora do Ensino fundamental I, sou responsável por ministrar todas as matérias obrigatórias do currículo, ou seja, língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências. Dessa maneira, tenho a oportunidade de trabalhar com o conteúdo das matérias, desenvolvendo, também com os textos trabalhados nestas disciplinas, o hábito e a prática da leitura, assim como a compreensão e a interpretação através da leitura compartilhada.

Nessa prática, todos os alunos têm acesso ao mesmo texto e acompanham a leitura que pode ser feita tanto pelo professor quanto pelos alunos em voz alta, de forma alternada. Todos têm a chance de ler e é necessário que sigam a leitura conforme estiver sendo feita. Ela possibilita ao aluno ouvir a voz do outro, portanto, seguir a cadência e o ritmo da leitura. Eu, como mediadora, quando necessário, dou suporte, tomando o cuidado para não atrapalhar a fluidez (fluência) da leitura.

É interessante observar a necessidade que a maioria dos alunos têm de corrigir o colega. Entretanto, ressalto a importância de respeitarem o momento

do outro, para que possa ter a chance e o tempo necessários para ler e, assim, adquirir fluência e compreensão. Conforme as palavras de Frank Smith, citadas no primeiro capítulo, a leitura é um processo em que o leitor participa com uma capacidade de dar sentido aos sinais, de compreendê-los e não somente de decifrá-los.

Dependendo do texto, peço aos alunos que façam uma primeira leitura em casa para dele se apropriar e, desta maneira, utilizar o conhecimento prévio durante a aula. Em classe, fazemos a leitura compartilhada e, posteriormente, peço que façam uma leitura silenciosa. Por meio dela, o aluno se apropria do texto à sua maneira, visto que a leitura é feita no seu ritmo, o que auxilia o processo de compreensão. Após essas etapas, iniciamos o trabalho de compreensão e interpretação do texto.

Desenvolvo esse trabalho com a finalidade de promover nos alunos uma leitura dialógica dos textos, diferente da típica leitura mecânica e de memorização. Organizo a leitura por trechos, para não sobrecarregá-los de informações, mas tomo o cuidado de fazer as devidas relações entre elas. Eles têm a oportunidade de fazer inferências a partir do conhecimento prévio, possibilitando o levantamento de hipóteses, de análise, de comparação, e de estabelecer relações que auxiliem o processo da leitura e entendimento das informações implícitas do texto e de sua compreensão e, conseqüentemente, na aquisição de novos conhecimentos. Segundo Bajour (2012, p. 114), "o conhecimento prévio deixa de ser uma condição que limita: é uma zona que se constrói em um jogo social de saberes que não estabelece hierarquias excludentes".

Dessa maneira, para que o leitor compreenda um texto, é necessário que encontre o seu sentido, que é construído pelo próprio leitor no processo de inferir informações. Para que possa interpretá-lo, faz-se necessário refletir sobre o conteúdo, criticá-lo a fim de que haja uma reflexão sobre a realidade.

Conseqüentemente, no afã de que o aluno aprenda a compreender e a interpretar um texto, é primordial que aprenda a fazê-lo na escola com a mediação do professor. De acordo com Rosenblatt (apud DIOS, 2000, p. 151), "ler é uma construção do leitor durante o ato da leitura". Sendo assim, o leitor ativo reconstrói o texto, dando significado a ele, possibilitado pelas relações

propiciadas pelo diálogo, pelo conhecimento prévio e pelas informações contidas no texto.

Desenvolvo esse trabalho ao longo do ano, com diferentes textos, utilizando estratégias de leitura adequadas à finalidade da leitura.

### **3.4.6 Leitura e escrita na matemática**

As aulas de matemática são também úteis para a prática da leitura. Aproveito essas aulas para que os alunos percebam o uso social da leitura e da escrita, que, nesse caso, se encontra no universo da matemática e na solução dos problemas.

Segundo Castrillón (2011, p. 98), "a leitura sem a escrita permite uma apropriação somente parcial da cultura letrada". No intento de solucionar as questões, precisam ler e entender o que está sendo proposto. Percebe-se, aqui, a importância da leitura em uma situação real de ensino-aprendizagem. Muitas crianças têm dificuldade de ler, de compreender e interpretar o que está sendo solicitado, portanto, não conseguem resolver o problema. Mas, quando leio com eles, e explico o que é para ser feito, são capazes de desenvolver o raciocínio necessário para solucionar o problema.

A fim de que desenvolvam a linguagem escrita também na aula de matemática, estabeleço um combinado, que consiste em, além de darem o resultado, escreverem a resposta, elaborando, para isso, frases completas. No início, como não estão familiarizados com essa maneira de trabalhar, estranham bastante e reclamam também. Mas, com o passar do tempo, incorporam essa prática como parte do exercício. Dessa maneira, utilizo a aula de matemática para trabalhar com textos, além de incentivá-los a usarem os conhecimentos prévios na elaboração das respostas e perceberem que o uso da língua é necessário em todos os momentos, indo, portanto, além da sala de aula. Leitura e escrita estão, assim, inseridas em todas as atividades do dia a dia, incluindo a escola como um todo e não somente a aula de língua portuguesa.

### **3.5 Práticas de leitura e a formação do cidadão**

Os estudos e as práticas apontados nessa pesquisa reiteram a importância da leitura no processo do desenvolvimento da autonomia do indivíduo na busca da informação e do conhecimento, possibilitando, por sua vez, a formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres, com uma postura ética, crítica, curiosa, criativa, ativa, participativa e reflexiva, capaz de exercer um papel significativo na tomada de decisões importantes na sociedade em que está inserido.

A leitura propicia também o desenvolvimento da autonomia necessária para que o indivíduo se aproprie de sua dimensão humana e, como tal, seja capaz de transformar sua realidade. Dessa forma, a leitura é a chave dessa transformação, pois propicia as ferramentas necessárias para que o sujeito conheça um mundo novo que se abre com a leitura e a leitura dos textos literários. Ler, segundo Emília Ferreiro,

já não é marca de sabedoria, mas sim de cidadania. O exercício pleno da democracia é incompatível com o analfabetismo. Somente a partir de uma revalorização da palavra escrita e de sua leitura, a cidadania poderá chegar ao centro dos diferentes debates dos quais a sociedade necessita para se manter informada. (apud CASTRILLÓN, 2011, p.84)

Observo em meus alunos, quando descobrem o prazer da leitura, a ânsia e a busca por novos conteúdos, novas informações. A leitura de diferentes textos auxilia o processo de questionamento, primordial ao desenvolvimento do pensamento crítico. Freire (apud DIOS, 2000, p. 209), "entende o conhecimento como "problematização" no sentido dialético".

Eles sentem-se mais seguros, pois se tornam independentes na busca do conhecimento. E, uma vez que esse processo se inicia, não há como retroceder, pois começam a confiar na sua capacidade como sujeito ativo, independente, curioso, autônomo, reflexivo, crítico, capaz de abrir novos caminhos e de defender seu ponto de vista. Mas, percebem também, que tudo isso gera uma responsabilidade muito grande, pois se tornam agentes de seu próprio aprendizado, portanto, menos dependentes do professor. Esse é, sem dúvida, um crescimento necessário no processo da formação do cidadão.

Percebe-se, desta maneira, a importância de efetivar as práticas de leitura propostas nesse trabalho, para que o conjunto delas alcance o resultado esperado, ou seja, a formação do leitor, do leitor literário e sua emancipação ao



papel de cidadão. Segundo Castrillón (2011, p.64), "leitura não é um adorno nem um passatempo, mas sim um instrumento útil na transformação e organização de suas vidas". É a mesma autora quem afirma que "educação e leitura assumem um papel político a favor de uns poucos" (p.64). À escola cabe o papel de "tomar partido por uma transformação social que acabe com desequilíbrios e desigualdades". A leitura e a leitura literária, assim, "não é um meio de lazer passivo, tem profundo sentido e valor" (p.65). No intento de que ela possa iniciar e se efetivar no seio da família e continuar durante a vida escolar do sujeito e se estabelecer como parte integrante da vida, não apenas como exigência para passar no vestibular.

De acordo com a posição de Dios (2000, p. 213), é preciso que "a literatura em suas variadas formas como representação fundamental da arte cultural, seja acessível e experienciável por todos, desde os primeiros anos de escola". A educação deve estar voltada a uma proposta humanista, possível pela leitura e, em especial, pela leitura do texto literário. Conforme Castrillón (2011, p. 94), é necessário que a sociedade civil perceba a importância da leitura e da escrita para que possa se organizar e erijir "a leitura como necessidade e como direito". Eliana Yunes, ao comentar o livro publicado por Marina Colasanti, *Como se fizesse um cavalo*, afirma: educar o olhar, a percepção, a reflexão, desde a infância para que se reconheça o ético e o estético. Antes que se leia unicamente, e, por necessidade, manuais sobre eletrônica e máquinas. Educar é preciso e as narrativas do humano são as que nos podem humanizar.

O professor, nesse processo, possui um papel fundamental como mediador, pois é ele um dos atores que propiciará um ensino dialógico, significativo, criativo e reflexivo, permitindo que o aluno tenha voz ativa nesse processo. Conforme Bajour :

Procedimentos fundamentais para que os leitores aprendam a discutir sobre literatura é a garantia de que suas intervenções sejam levadas em conta e que o professor não seja o depositário de nenhuma verdade nem saber absoluto. (2012, p.68)

É ainda Bajour que assegura (p. 91) "a importância do equilíbrio entre as formas de intervenção do mediador e a construção da autonomia do sujeito". Portanto, cabe ao professor propiciar o caminho para que o sujeito alcance sua

autonomia e também possibilite práticas de leitura críticas essenciais para a transformação do indivíduo. Segundo Freire, respeitar a leitura de mundo do educando significa "tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento" (1996, p. 123).

Assim, também segundo Freire, "uma das tarefas da escola é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de amaciá-la ou domesticá-la" (p. 123).

Amós Oz (apud CASTRILLÓN, 2011, p.93) define a leitura e a escrita como "direitos, como práticas que ajudam as pessoas a construir sua individualidade, a criar seu espaço no mundo e a estabelecer relações com os demais". Como necessidades relacionadas com a participação cidadã, e não, como estamos acostumados a vê-las, como um luxo associado ao ócio e ao tempo livre ou como uma obrigação escolar.

Segundo a definição de leitor e escritor do pesquisador mexicano Gregório Hernández,

um leitor é alguém que se apropria da linguagem dos outros para expressar as próprias intenções e para se converter em autor e ator de seu lugar no mundo [...]. Aprender a escrever implica apropriar-se das palavras e das ideias de outros, encontrar voz própria e fazer-se escutar em conversações sociais que só ocorrem fora do espaço íntimo do indivíduo e de sua família. Converter-se em falante e escritor de uma língua não significa somente ler textos alheios ou ler por gosto ou ler bons livros, mas, sim, antes de tudo, ter algo que dizer e entrar no espaço público das conversações mediadas pelo escrito. (apud CASTRILLÓN, 2011, p.90)

"Ler bem é ficar mais tolerante e mais humilde, aceitar a diversidade, tolerar a diferença e a divergência" (MACHADO, 2002, p.100). Assim, faz-se necessário dar voz ao aluno, transformá-lo em autor, não apenas de um texto escrito, mas de sua própria história. A autonomia possibilita criar, e não apenas reproduzir. A leitura vai além do texto escrito, ela abrange a leitura de mundo, conseqüentemente, permite maior autonomia ao sujeito, possibilitando a reflexão, o desenvolvimento do senso crítico e a transformação do sujeito em cidadão consciente de seus direitos e deveres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de dissertação discorreu sobre a importância da leitura e da leitura do texto literário na formação do leitor, apontando para a relevância do professor-mediador nesse processo e apresentando propostas de práticas de leitura vivenciadas no Ensino Fundamental I que auxiliam nesse processo.

A maneira como a dissertação foi organizada, possibilitou a discussão tanto teórica quanto prática da questão da leitura do texto literário, ressaltando a relevância do diálogo entre ambas vertentes. Iniciamos abordando as concepções de leitura, literatura, texto literário, letramento literário e leitor literário, as quais se fazem presentes na proposta de leitura do *Programa Ler e Escrever*, concepções essas essenciais na fundamentação de nossa pesquisa. Apresentamos, posteriormente, as práticas de leitura propostas pelo *Programa Ler e Escrever* que dialogam com as práticas desenvolvidas em sala de aula, tendo em vista a vivência e participação do sujeito no processo de significação do texto literário. Sugerimos também outras práticas de leitura do texto literário que contribuem para a formação do leitor e discutimos a importância do papel do professor-mediador nesse processo, sua formação, bem como o papel da família na formação do leitor.

Por meio da discussão apresentada, constatou-se que as práticas de leitura desenvolvidas devem ser trabalhadas de forma sistemática, não apenas pelo professor-mediador, mas também por toda a equipe da escola ao longo do ano letivo e durante todo o Ensino Fundamental I para que possam contribuir na formação do leitor-cidadão. Entretanto, como ficou evidenciado, para que as práticas de leitura possam ser desenvolvidas pelos professores, faz-se necessário um trabalho de formação na área de leitura e do texto literário a fim de que este mediador compreenda a sua importância na formação do leitor e do cidadão. Para que o professor incentive a leitura no aluno é decisivo que ele seja um leitor. Caso não seja, um trabalho com esse professor precisa ser realizado.

Trabalho semelhante de conscientização da importância da leitura e da literatura precisa ser feito com as famílias no intento de que, junto com a

escola, possam promover o encontro do mundo da leitura da literatura nas crianças. A literatura é fonte de encantamento e possibilita várias experiências ao sujeito entre elas a de sonhar, imaginar, fantasiar, criar e refletir, essenciais ao ser humano no processo de humanização e cidadania e que não lhe pode ser negadas.

Neste sentido, torna-se essencial a aproximação dos alunos ao mundo da literatura para que possam usufruir de todos os benefícios advindos dela. É no afã de atingir tal intento, que salientamos a importância de dar voz ao aluno, ou seja, deixá-lo falar, pensar, a fim de que possa transformar-se em autor, não apenas de um texto, mas de sua própria história, pois a autonomia que se é oferecida ao aluno através das práticas, possibilita-o criar e não apenas reproduzir.

Ressaltamos que o *Programa Ler e Escrever* não pode ser visto como manual e sim como ponto de partida. As práticas de leitura e escrita por ele propostas são adequadamente elaboradas e fundamentadas teoricamente. Entretanto, o professor necessita entender que o trabalho começa com o texto escrito – o qual é privilegiado pelo Programa –, mas é preciso ir além. Daí o papel do professor ser tão importante nesse processo, assim como sua formação em relação ao *Programa Ler e Escrever* para que possa entender a concepção de trabalho que permeia o Programa e estar preparado para ir além do manual.

Faz-se essencial, portanto, a aproximação da literatura com o leitor através do professor-mediador, da escola, da família, do bibliotecário e da sociedade como um todo.

Encerramos retomando o início de nossa pesquisa, com as palavras de Paulo Freire: A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.

Ainda que o texto mais presente em sala de aula seja o texto escrito, não podemos esquecer que as várias leituras que fazemos do mundo ampliam nosso repertório e experiências e nos levam ao descobrimento de novas possibilidades de ação.

## REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas. O valor da escuta nas práticas de leitura.** Tradução Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARBOSA, João Alexandre. "Literatura nunca é apenas literatura". In: **A biblioteca imaginária.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **A leitura do intervalo.** Ensaios de Crítica. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 1978.

\_\_\_\_\_. **Crítica e verdade.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPOS, Maria Inês Batista. **Ensinar o prazer de ler.** São Paulo: Olho D' água, 1999.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura Para Quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

DIOS, Cyana Leahy. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos.** Niterói: Eduff, 2000.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 3.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Education: the practice of freedom**. London: Writers and Readers Publishing, 1976.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Professora sim tia não**. São Paulo: Olho d'água, 1994.

**Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas;** professor – 4º ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; adaptação do material original, Marisa Garcia, Milou Sequerra. 5 ed. São Paulo: FDE, 2012.

**Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas;** professor alfabetizador – 1º ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; coordenação, elaboração e revisão dos materiais, Sonia de Gouveia Jorge e outros; concepção e elaboração, Claudia Rosenberg Aratangy e outros. 4ed. rev. e atual. – São Paulo: FDE, 2014.

**Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas;** professor alfabetizador – 2º ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; coordenação, elaboração e revisão dos materiais, Sonia de Gouveia Jorge e outros; adaptação do material original, Claudia Rosenberg Aratangy, Rosalinda Soares Ribeiro de Vasconcelos, Ivania Paula Almeida. 7ed. comp. , ver. e atual. dos volumes 1 e 2. São Paulo: FDE, 2014.

**Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas;** professor – 4º ano/ Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. 7ed. ver. e atual. São Paulo: FDE, 2015.

LIMA, Luis Costa (org). **A literatura e o leitor. Textos da estética da recepção**. Tradução Luis Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MANGEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Flores da escrivantina**. Ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Inútil Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PAZ, Octávio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1990.

PETIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2008.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura/ Ensino: Uma problemática**. São Paulo: Ática, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

\_\_\_\_\_. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Prefácio de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

## ANEXO 1

### Encaminhamentos<sup>1</sup>

- Diga aos alunos que sentarão em roda para que um colega possa ver o outro e assim favorecer a interação entre eles. Num primeiro momento é importante que o professor faça junto com os alunos para que se apropriem de comportamentos para, posteriormente, realizarem a tarefa sem tanta intervenção. Para tanto, é necessário que você selecione um livro e faça sua indicação literária. Conte que fez a leitura de um livro e gostaria de indicá-la para que fizessem em outra oportunidade.
- Destaque que fazer uma indicação literária é muito comum entre os leitores. Comente acerca do autor, dos personagens, do lugar onde a história se passa e dos recursos utilizados pelo escritor para deixar o texto bem escrito. Você poderá ler um trecho do livro que considerar bonito.
- Proponha que essa roda de leitores aconteça quinzenalmente.
- Sugira que cada dupla escolha um livro do acervo da classe ou da biblioteca da escola e que entre uma roda e outra eles façam a leitura para a indicação literária. Assim, é essencial que nesse período (quinze dias) seja reservado um tempo para que, durante as aulas, os alunos leiam esse livro em dupla (momento de leitura pelo aluno). É importante frisar que a indicação literária pode reforçar a qualidade da leitura, bem como desqualificá-la.
- Promova a participação dos alunos enquanto a roda de indicação literária acontece.
- Faça perguntas sobre os personagens caso os alunos não os mencionem, assim como questões relacionadas ao espaço dos acontecimentos, etc.
- Peça que os alunos leiam partes do texto que consideram estar bem escritas.
- Solicite que os alunos opinem sobre a indicação literária, tanto aqueles que fizeram a leitura do texto, quanto àqueles que ouviram a indicação.
- Organize os alunos para que, ao final da roda de indicação literária, selecionem o próximo livro a ser lido pelas duplas para nova indicação, na próxima quinzena.
- Caso os alunos fiquem cansados faça a roda de leitores em dois dias.

<sup>1</sup> Texto extraído do Manual Ler e Escrever: guia de planejamento e orientações didáticas – 2º ano



## ANEXO 2

### Como selecionar e organizar materiais<sup>1</sup>

Esse canto deve ser organizado de forma atraente, num ambiente aconchegante que pode ser no chão com um tapete e almofadas ou mesmo nas mesas. O importante é arrumar os livros, revistas, de forma que a criança consiga visualizá-los, manuseá-los livremente e se interessem em descobrir o que está guardado em seu interior.

- Nas primeiras vezes, vale fazer alguns combinados que podem ser conversados em roda ou durante a atividade sobre os cuidados a serem tomados com os materiais do canto da leitura.
- As crianças já têm muitas informações sobre o assunto, portanto, o professor pode abrir um espaço para levantar com o grupo quais são os cuidados imprescindíveis no manuseio de um livro.
- Os combinados podem ser alterados, ampliados de acordo com a necessidade e problemas que surgirem.

<sup>1</sup> Texto extraído do Manual Ler e Escrever: Guia de planejamento e orientações didáticas – 1º ano